ISSN - 2184-7045

REVISTA da Casa de Goa

II Série - Número 2 - Jan/Fev 2020

Francisco Luís Gomes

(1829 - 1869)

Ficha Técnica

Diretora
Ana Paula Guerra

Conselho Editorial
José Filipe Monteiro
Luis Pereira da Silva
Valentino Viegas

Colaboradores Residentes
Celina Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Mário Viegas (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)

Colaboram neste número
Celina Velho e Almeida
Francisco Apolinário de Noronha
Francisco da Purificação Monteiro
José Filipe Monteiro
Luis Pereira da Silva
Manuel Vieira Pinto
Maria Virgínia Brás Gomes
Mário Viegas
Óscar de Noronha
Ralph de Sousa
Valentino Viegas
Vitor Serrão

Publicação bimestral (seis números por ano), versão em PDF, disponível online

Design/Diagramação
Juliano Martins Mariano

Secretariado
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisboa.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt
www.casadegoa.org

@ Direitos de propriedade reservados à Casa de Goa.
ISSN 2184-7045

Sucede aos números anteriores de (ordem alfabética) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter e Revista da Casa de Goa, publicados entre 1989 e 2019.

Technical Datasheet

Director
Ana Paula Guerra

Editorial Board
José Filipe Monteiro
Luis Pereira da Silva
Valentino Viegas

Resident Contributors
Celina Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Mário Viegas (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)

Contributed to this issue
Celina Velho e Almeida
Francisco Apolinário de Noronha
Francisco da Purificação Monteiro
José Filipe Monteiro
Luis Pereira da Silva
Manuel Vieira Pinto
Maria Virgínia Brás Gomes
Mário Viegas
Óscar de Noronha
Ralph de Sousa
Valentino Viegas
Vitor Serrão

Bimonthly publication (six issues per year), PDF version, available online

Design/Diagramming
Juliano Martins Mariano

Secretariat
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisbon.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt
www.casadegoa.org

@ Copyright, Casa de Goa
ISSN 2184-7045

This publication follows previous issues of (alphabetic order) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter, and Revista da Casa de Goa, published between 1989 and 2019.

NORMAS EDITORIAIS

A Revista da Casa de Goa é o órgão oficial da Casa de Goa.

Contém secções regulares abaixo indicadas, nas quais os artigos podem ter limite máximo de palavras e figuras.

1.Capa

2.Conteúdo

2.1.Editorial

2.2.Secções

2.2.1. Artigos Originais (limite de 4000 palavras e 6 figuras)

2.2.2. Efemérides (limite de 1000 palavras por efeméride e 2 figuras)

2.2.3. Personalidades (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.4. Opinião (limite de 1500 palavras)

2.2.5. Entrevista (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.6. Goeses ilustres (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.7. Cartas ao Director (limite de 400 palavras e 1 figura)

2.2.8. Noticiário (limite de 250 palavras e 1 figura por notícia)

EDITORIAL INSTRUCTIONS

The Revista da Casa de Goa is the official magazine of Casa de Goa.

It contains regular sections below, in which articles may have a limit of words and pictures.

1.Cover

2.Content

2.1.Editorial

2.2.Sections

2.2.1.Original Articles (word limit 4000, maximum six f igures

2.2.2.Events (word limit 1000, maximum two figures per event)

2.2.3.Personalities (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.4.Opinion (word limit 1500)

2.2.5.Interview (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.6.Outstanding Goans (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.7.Letters to the Director (word limit 400, maximum one figure)

2.2.8.News (word limit 250, maximum one figure per new)

Normas de publicação

Os artigos submetidos devem versar temas relacionados com investigação, preservação e divulgação da identidade cultural de Goa, Damão e Diu.

Os artigos são submetidos a publicação ao Diretor e enviados por correio eletrónico para casadegoa@sapo.pt

Língua de publicação: a revista é bilingue – são aceites artigos em português (novo acordo ortográfico opcional) e inglês; o Conselho Editorial reserva-se o direito de rever aspetos formais, nomeadamente o português e o inglês.

Se algum artigo de fundo exceder o limite de palavras, poderá ser publicado em partes, em números consecutivos da Revista.

Os artigos devem conter um Resumo (português) e Abstract (inglês) com limite de 150 palavras, respetivamente, excetuando Entrevistas e Cartas ao Diretor. Se o autor não estiver à vontade para escrever em ambos idiomas, a Revista compromete-se a traduzir no idioma diferente ao do artigo de fundo.

Todos os artigos submetidos são sujeitos a apreciação pelo Conselho Editorial, podendo ser aceites sem alterações, sujeitos a alterações sugeridas, ou não aceites.

Publication Norms

Submitted articles should address topics related to research, preservation and dissemination of the cultural identity of Goa, Damão and Diu.

Articles are submitted for publication to the Director and sent by email to casadegoa@sapo.pt

Language of publication: The magazine is bilingual - articles are accepted in Portuguese (new spelling agreement is optional) and English; The Editorial Board reserves the right to review formal aspects, namely Portuguese and English.

If a feature article exceeds the word limit, it may be published in parts, in consecutive issues of Revista da Casa de Goa.

Articles must contain Resumo (Portuguese) and Abstract (English) with a limit of 150 words, respectively. If the author is not comfortable writing in both languages, the Revista da Casa de Goa makes the commitment to translate in a different language from the original article.

All submitted articles are subject to review by the Editorial Board and may be accepted without changes, suggest changes, or not accept.

Publicidade comercial paga

Commercial Publicity paid

Distribuição e divulgação: distribuída por correio eletrónico aos sócios da Casa de Goa, associações de goeses da diáspora e jornais em Goa. A revista é de livre acesso e pode ser divulgada individualmente.

Distribution and dissemination: distributed by e-mail to members of Casa de Goa, Goa Diaspora, associations and newspapers in Goa. The magazine is freely accessible and can be shared on an individual basis.

NEWSLETTER

Será publicada sem periodicidade regular, intercalar aos números regulares, de acordo com a oportunidade e necessidade de divulgação mais urgente de conteúdos, quer pela Casa de Goa, quer por instituições afins.

NEWSLETTER

It will be published without regular periodicity, in between the regular issues, according to the opportunity and need for more urgent information, either by Casa de Goa or by related institutions.

ÍNDICE | TABLE OF CONTENTS

	Página Page
EDITORIAL - *Luís Pereira da Silva*	**1**
ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES	
Clube Vasco da Gama: A synopsis of the past | Clube Vasco da Gama: Uma sinopse do passado – *Francisco Apolinario de Noronha, Ralph de Sousa*	**2-8**
The Christmas Consoada in Goa: Its origin | A Consoada de Natal em Goa. A sua origem – *Celina Almeida*	**9-11**
SANI - Serviços Autónomos de Navegação da Índia – Francisco da Purificação Monteiro	**12-17**
PERSONALIDADES | PERSONALITIES	
Dr. Adélia Costa: Angel of Mental Health | Drª Adélia Costa: Anjo da Saúde Mental – *Óscar de Noronha*	**18-20**
ENTREVISTA | INTERVIEW	
O Grupo EKVAT | The Group EKVAT – *Manuel Vieira Pinto, Maria Virgínia Brás Gomes*	**21-24**
GOESES ILUSTRES | OUTSTANDING GOANS	
Francisco Luís Gomes: Parlamentar e Economista | Francisco Luís Gomes: Parliamentary and Economist – *José Filipe Monteiro*	**25-32**
Francisco Luís Gomes – Mário Viegas	**33-35**
Os Brahamanes: Obra de referência de Francisco Luís Gomes | The Brahamanes: the reference work of Francisco Luís Gomes – *Valentino Viegas*	**36-41**
CARTA AO DIRETOR | LETTER TO THE DIRECTOR	
Na Morte de Percival Noronha | In the Death of Percival Noronha – *Vítor Serrão*	**42**
NOTICIÁRIO | NEWS	
Festa de Natal da Casa de Goa | Casa de Goa Christmas Party	**43**
Reveillon 2019-2020	**43**
SURYÁ: Reviver Goa | SURYÁ: Reviving Goa	**44**
Teatro: Sem Flores nem Coroas | Theater: Without Flowers or Wreaths	**44**
Escola Superior de Medicina de Goa | Goa Medical School	**45**

Luís Pereira da Silva

Editor Associado da Revista da Casa de Goa

Associated Editor of Revista da Casa de Goa

Sabia que Francisco Luís Gomes fora um proeminente médico Goês. Quando circulei na freguesia de Santa Maria dos Olivais, na Avenida Dr. Francisco Luís Gomes, agradou-me ler a inscrição "Médico e Escritor (1829–1869)" e ver que a sua memória fora reconhecida na toponímia de Lisboa. Mas, quando posteriormente a curiosidade me levou à sua biografia, fiquei atónito. Como era possível, eu ter ignorado a importância desse goês dos quatro costados, que tanto honrou Portugal?

No nosso País há sobejos exemplos de médicos de renome que foram escritores e artistas brilhantes. Mas este Francisco Luís Gomes é caso ímpar, por uma vida cheia e muito mais multifacetada, brilhante em tudo no que tocou. Façamos um breve exercício: quantos em Portugal e no mundo se destacaram pela sua atividade como médico, escritor, político e dominaram a história e a economia? Tudo isto se passou há mais de um século. Talvez por isso, esfumou-se nas brumas do tempo a memória desse cirurgião-militar formado em Goa e que deixou marca como deputado das cortes, romancista e ensaísta, autor de trabalhos históricos e socioeconómicos de referência, eminente colaborador de periódicos da época, em Lisboa, Bruxelas e Paris. Foi distinguido com a Ordem Militar de Cristo e doutor honoris causa pela Universidade de Lovaina. Tudo na primeira metade do século XIX.

Pois bem, em 2019 celebrou-se o 150º aniversário do seu nascimento. Tendo passado esquecida esta data, pelo menos em Portugal, esta edição oficial da Casa de Goa não poderia deixar passar esta oportunidade para revisitar um Goês ímpar, que partiu do cadinho natal para brilhar no coração do império e na Europa, emprestando o seu melhor em vários domínios.

I was aware that Francisco Luís Gomes had been a prominent Goan doctor. When I was driving in Santa Maria dos Olivais parish, on the Dr. Francisco Luís Gomes Street, I was pleased reading the engraving "Doctor and Writer (1829–1869)" and be aware that his memory had been recognized in the Lisbon toponymy. However, when the curiosity led me to his biography, I became astonished. How was it possible that I have ignored the importance of this Goan aristocrat, who so outstandingly honored Portugal?

Portugal has many examples of renowned doctors who were brilliant writers and artists. However, Francisco Luís Gomes is an exceptional case, with a plentiful and multifaceted life, brilliant in everything he has touched. Let's make a brief exercise: how many renowned persons in Portugal and around the world stood out for their activity as a doctor, writer, politician, dominating history and the economy as well? This has happened more than a century ago, and may be the reason why the memory of this military surgeon graduated in Goa faded into the mists of time, despite leaving his mark as deputy of the courts, novelist and essayist, author of historical and socioeconomic reference works, and eminent contributor to contemporary magazines in Lisbon, Brussels and Paris. Francisco Luís Gomes was distinguished with the Military Order of Christ in Portugal and doctor honoris causa by the University of Leuven. All happened in the first half of the nineteenth century.

Well, in 2019, the 150th anniversary of his birth was celebrated. Having forgotten this date, at least in Portugal, the official magazine of Casa de Goa should not miss this opportunity to revisit a very especial Goan, who left his homeland to shine in the heart of the empire and in Europe, leaving his legacy in multiple domains.

Clube Vasco da Gama - A Synopsis of the past

Compiled by **Francisco Apolinario de Noronha**

Born in Goa. Did his studies in Liceu Nacional Afonso de Alburqueque and Dhempe College of Arts & Science. Was Principal of Ideal High School Taleigão. Secretary of Semana da Cultura Indo Portuguesa and Goa Life Member of Indo Portuguese Friendship Society. Currently President of Goa Cultural and Social Centre and of Clube Vasco da Gama, Panaji.

Inputs from **Ralph de Sousa**

Born in Assagão, Bardez, and lives in Saligão.

Is in hospitality business and is passionate about Goa's history, heritage and culture.

Abstract

On 4th September 2019, Clube Vasco de Gama, completed 110 years of its existence. In this chronicle, the authors make a detailed narrative of all the hardships the founders had to go through, to turn into a reality the dream of an important sect of Panjim society.
Despite all the difficulties, the Clube Vasco Game survived and succeded in its mission. The centennial institution is deservedly a pride of the Goa's capital.

Resumo

No dia 4 de Outubro de 2019, o Clube Vasco de Gama completou 110 anos da sua existência. Nesta crónica, os autores fazem uma descrição detalhada de todas as dificuldades pela qual passaram os seus fundadores para tornar numa realidade o sonho de muitos sectores da sociedade de Panjim.
O Clube Vasco de Gama soube ultrapassar os obstáculos, vencer as dificuldades e atingir os seus objectivos. Esta instituição centenária é justamente um orgulho da capital de Goa.

The Club Vasco da Gama was formed by the Portaria (Govt. notification) No. 222 of 29th September 1909 signed by the Governador Geral of Goa (1907-1910) Major José Maria de Souza Horta e Costa.

This Club was formed by a fusion of Club de Nova Goa and Grémio Vasco da Gama in order to provide means of recreation by way of games not prohibited by law, concerts, conferences, soirées, plays, reading

library and other diversions to its members and families.

The widows and unmarried daughters of members of the erstwhile Club de Nova Goa and Grémio Vasco da Gama, along with the members of new society, had the right to attend the festivities and entertainments of Club Vasco da Gama.

The original word was CLUB as at that time Portuguese vocabulary borrowed the word from English and later made it CLUBE.

Figure 1. Bust of Vasco de Gama in the club with his name

The membership was restricted to male individuals above the age of 21 years. Their admission (or otherwise) was left to the committee of the Club Vasco da Gama and they had to be proposed by two existing members.

The fees were 10 rupees as jóia (entrance fees) to be paid at one time or in four instalments and 3 rupees as monthly subscription and half a rupee for the copy of Statutes. The members had to pay for drinks and games and the bills had to be settled by the 10th of every month.

The club was primarily instituted for the benefit of residents of Pangim but membership was also extended to people residing outside the Taluka of Ilhas who had to pay full entrance fees and 50% of monthly subscription. This facility was not extended to members residing in Ribandar, Mercês, Santa Cruz, Taleigão, Carazalém, D. Paula, Cabo, Verém, Quegdevelim, Betim and Reis Magos, who had to pay full membership.

The club proposed to have a lodging facility in the premises for its members and for those proposed to be members, for the first 8 days of their arrival in Portuguese India or to members residing in other parts of this State and had to come to Pangim.

The Board of the General Assembly (Assembleia Geral) consisted of one president, one vice president and two secretaries.

The managing committee (Direcção) consisted of 5 effective members, namely one president, one secretary, one treasurer and two members (vogais), and to substitute each one of them, in case of impediments, there were 5 substitutes for each one of the posts. There was also an internal audit committee (Commissão Revisora de Contas) the elections were held every year by secret ballot.

The first session of the Assembleia Geral was held on 19th November 1909 in the sessions hall of Clube Vasco da Gama (place unknown) having its first president of Assembleia Geral Sr. Arnaldo M. Norton de Matos and it was decided to shift to better accommodation at the Comunidades building (above the present day Singbal book stall) and a resolution was adopted to construct a new building for which a deed was to be signed with the Sociedade Philantrópica Militar de Goa, since most of the members were Portuguese military personnel serving in Goa.

On 4th December 1909 the first elections were held and the following committees were elected for the year 1911.

Assembleia-geral
Presidente – Dr. Diogo Francisco Mourão Garcês Palha
Vice- Presidente – Florenco Gramate
Secretários – 1. António Augusto Dias & 2. Luis Carlos d'Almeida Costa Pereira

Direcção
Presidente – Cap. Augusto Eduardo Neuparth
Secretário - Francisco Xavier de Sousa e Britto
Tesoureiro- Carlos Alberto da Costa Campos
Vogais -1. Raul Fernandes Corrêia d'Amaral
2. D. Francisco de Norohna e Távora

Suplentes
Presidente – Joaquim José d'Aguitar
Secretário – Hygino da Costa Paulina
Thesoureiro – Fernandes Cézar Corrêa Mendes
Vogais -1. Raul Gonçalves Dias 2. Jorge Fernando Dyonisio de Spinola

Comissão Revisora de Contas
Presidente – Agusto Carlos de Sousa e Brito
Secretario Adelino Herculano de Moura
Relator – Dr. António da Cunha

Suplentes
Presidente – César Agusto Ranoon
Secretário – José Guedes de Lacerda
Relator – Dr. José de Castro Gavinho

In the extra ordinary meeting of Assembleia Geral on 31/12/1911 it was decided to acquire a premises for the club but as funds were very meager it was decided to take a loan from the Sociedade Philantrópica Millitar, the conditions for which were: 1. The building was to be built by the society in the plot to be acquired from the Câmara Municipal das Ilhas and situated in the Avenida da República (later named Avenida do Brasil and today D.B Marg); 2. The supervision would be done by the committee of Club Vasco da Gama. 3. The club would pay a rent equal to 5% of the capital but not exceeding 900 rupees, 4.The maintenance would be done by the club, 5. After the completion of the building the ownership of the same would go to the Sociedade Philantrópica Millitar and in compensation of the society would rent the building to Club Vasco da Gama as long as it would be dissolved under Art 49 of the statute 6. In case the society sells the building to others, the club would continue to be its tenant.

But the proposal didn't materialize and as per Acta no 11, dated 11/2/1913, it was decided to acquire the plot in the Avenida da República in front of the market and for the same it was decided to issue 1500 shares of 10 rupees each with interest of 4 % and this amount was to be utilized exclusively for the construction of the building. But again this project never saw the light of the day.

Again in the year 1919 the committee decided to approach the authorities to acquire two plots one situated at the Avenida de República belonging to Câmara Municipal das Ilhas, in front of the market Conde de Ribandar, to build a building, a tennis court and a garden to surround the same, and the second plot separate by the road Marquês de Alorna in front of Quartel da Guarda Fiscal belonging to the Government for building a croquet court and for skating (patinagem). Both the authorities agreed and the plot belonging to the Government was given free of charge by the Governor of Goa (1917-1919) Capitão de Fragata José de Freitas Ribeiro. Also the other plot belonging to the Câmara Muncipal das Ilhas, whose president was Capitão-Tenente Augusto de Paiva Bobela da Mota, ex-Governador Geral Interino (1919) and ex-President of Clube Vasco da Gama was put it to public auction as per the existing norms and, as there were no other contenders, it was leased to the Clube Vasco da Gama for 30 rupees per year. All the formalities and licenses were obtained immediately, but the most important aspect, the finances was not taken care of.

Nevertheless a project by engineer Maravilhas was accepted and the estimate was fixed at 43,000 rupees. The building would have 2 floors with a length of 34.40 meters and breadth of 16.80 meters. The ground floor would have a reading room, bar, game room, billiards room, hall for the committee, archives, 3 rooms for lodging (with WC and bathroom), dining hall, pantry, room for the manager and reception. On 2 sides there would be verandas of 3 meters breadth and an arch at the entrance for the cars. The full building would be surrounded by a garden and on the other side of the road, on the plot belonging to Câmara, a tennis court.

On the first floor there would be a big ballroom, to be used also as a theater and on the northern side a hall for buffet, separated by a big arch. And on both sides of the halls there would be 2 varandas of 3 meters breadth.

The project was magnificent but the finances were low as the club was struggling for its own maintenance and 3 options were in sight: 1. Take a loan from the members. 2. Negotiate the construction with a capitalist by fixing an annual rent equivalent to the capital. 3. Take a loan with annual interest corresponding to the hypothecation of the building and build by the club.

But as the burden would be great it was decided to approach the government and, at the instance of ex-temporary governor Bobela Mota, the construction material was granted free of charge and the estimate was

reduced to Rs. 25,000.

The first option to approach the members was not viable as majority were government servants, some Europeans who were not permanent residents and would not be interested in investments in the land. The second option to give on contract to a capitalist was also not viable.

It was decided to opt for the 3rd option and approach two big capitalist at the time, first Barão de Dempó and second Visconde de Perném for a loan of Rs. 25000 for the construction of the building at the interest of 5% to be paid in 13 years and the building would be mortgaged to him.

The Barão de Dempó did not accept the proposal and the Visconde de Perném put the following conditions: enter with the capital between July and December of 1920 at the interest of 5% amortized in 13 years. And as the work had to start immediately Mr. Madavá Caculó lend initially Rs. 7000 at the interest of 7% amortized between July and December of 1920so the Visconde de Pernem would pay by this date to Mr. Caculó the amount.

Everything was verbally agreed and when the time came to make a public deed the Visconde de Perném refused to sign and several letters were exchanged between the committee and him.

To pay the loan it was very difficult for the club as the annual income was only Rs. 1000 and the membership was of around 200 members, so it was decided to increase the membership by Re. 1 which was not much compared to advantages of having a new club. At that time there was no club even in India Inglêsa, were the subscription was less than Rs. 5. Even then it was very difficult to finance the construction and the committee decided to take a loan of Rs. 4000 with interest of 7% from Banco Nacional Ultramarino to pay Madavá Caculó.

Around the year 1924 the Clube Vasco da Gama had heavy debts to a tune of Rs. 45000 with Santa Casa da Misericórdia, and payments towards the works completed and yet to be completed to the tune of Rs. 4000. The overall financial conditions was very precarious and the only alternative was to sell the club for Rs. 85000.

But at the meeting dated 17/06/1928, it was mentioned that the building was completed and a sumptuous ball was held for the inauguration when Dr. Cesar Costa was the President of the Club. So it was concluded that the building to house the Clube Vasco da Gama was completed and then sold to the government to pay the debts and subsequently it was used as Quartel General during the Portuguese era and today it hoses the Headquarters 2 Signal Training Centre.

After the sale the club was installed in the premises of Mr. Elisbão de Sá with a rent of Rs. 35.

In the general body meeting dated 5th November 1934, it was decided to sign an agreement with the owners of Palácio do Conde de Maem which was later acquired by Dr. Domingos Roque de Souza, the North side of the building from where the club was functioning and situated at Rua Conde de Torres Novas later named Dr. Domingos Roque de Souza Road to be rented initially for a period of 3 years and the rent was fixed at Rs. 175 per month provided the owners undertook to paint the full premise every year.

However in the O Heraldo newspaper dated 5th December 1909, the following news appeared: The Club Vasco da Gama was finally installed at the Palácio do Conde de Maem, giving up the claim over the edifice of the Comunidades and on 25th December 1909, appeared: With the installation of Club Vasco da Gama at the

Palácio do Conde de Maem, the earlier premises at the House of Quencros has been let out to someone else.

It is interesting to note that around 1949, two Portuguese Chefes da Policia (police inspectors) wanted to join the club as members but there was strong opposition from some members. At that time besides prominent Goans, only Portuguese military men with the rank of officers were allowed as members. The Chefes da Policia was considered below the rank of Sergeant, but after a lot of discussion the pretenders were finally admitted as in principle, the article No.4 of the constitution of the club regarding the admission was not specific about the ranks of military personnel, it was only prestige issue among some members.

The Date 4th October was chosen as the date of Fundacão do Clube probably because the following day 5th October was the Portuguese Republic Day

In the year 1986 the owners of the building where the club was housed at Code de Torres Novas Road (Domingos Roque Sousa) desired to demolish the old premises to build a multi storied complex. The following conditions were set before the club: - the owner would offer to the club 360 square meters of the carpet area free of cost and the additional area would cost 3500 rupees per square meter. So the club had to pay a total of 2,80,000 rupees to obtain the ownership rights including the additional 80 square meter needed by the club to have the present premises. However, same problems cropped up and the Club had to take recourse to court action for settlement. And the premises was finally handed over to the management of the Club on February 1994.The aspiration of the Clube Vasco da Gama was thus fulfilled. It had at last its own premises although it took 85 long years for fulfillment.

Figure 2. Clube Vasco da Gama at Palácio do Conde Maem (1986)

Figure 3. Clube Vasco da Gama (1994)

During the term of 2002 a mezzanine floor was added to increase its capacity and also an office room was added in the floor. And in the year 2009, the year of centenary, the club has a totally new look thanks to the joint efforts of the present Managing Committee (2008-2010) headed by Mr. Francisco Martins.

The present Managing Committee (2019-2021) headed by Mr. Francisco A. de Noronha carried substantial works of renovation and repairs, including restoration of old mirrors and fixing new chandeliers, to bring back the glory of the Clube.

This year the Clube Vasco da Gama celebrated 110 years of its existence with the traditional anniversary ball featuring live music and a scrumptious buffet making an integral part of the celebration.

The Christmas Consoada in Goa: Its Origin

by **Celina Velho e Almeida**

Master in Arts and Education. Goa and Bombay/Mumbai University.
Bacharel em Pedagogia e Letras, Mestre em Português e Pedagogia, pelas Universidades de Goa e Bombaim/Mumbai.

Abstract
Consoada is a terminology of Latin–Portuguese origin but it has a very close connotation in the Portuguese and the Goan social customs. For both it means to comfort.
In Portugal, the consoada is a supper that comforts a family member who has arrived home to celebrate Christmas. He has travelled a long distance through the cold night and needs to be calmed with a hot supper. The family members are always around to share not only the supper but also the conversation.
In Goa, the Consoada has a Hindu foundation. It was practiced by our ancestors before the arrival of the Portuguese and so before the conversions to Christianity. It was named as Vhojem. But the new Christians transferred this social custom to comfort family and friends who would not celebrate Christmas as they were mourning the death of a beloved member.

Resumo
Consoada, palavra de origem latina atribuído a costumes sociais em Portugal e Goa e, independente da sua origem, significa confortar.
Em Portugal, a consoada é uma ceia para reconfortar um membro de família no seu regresso à casa para celebrar o Natal. Presume-se que terá tido uma longa viagem numa noite fria e como tal necessita de uma ceia reconfortante. Os membros da família fazem a companhia e partilham a ceia.
Em Goa, a Consoada tem uma origem Hindú. Era prática dos nossos antepassados, antes da chegada dos portugueses e, como tal, antes da conversão para o cristianismo. Era conhecida como Vhojem. Os cristãos convertidos adaptaram esse costume social que passou a ser um ritual para consolar a família e os amigos que não celebravam o Natal por estarem de luto pela perda de um ente querido.

A few days before Christmas, my mother would say "This year, we have to send Consoada to Tia Efigenia, as her sister-in-law has passed away in August". Or in another year "we cannot forget to send Consoada to our family doctor, Dr. Da Costa, as their only daughter has expired recently". And on 24th December, after sunset, my mother used to line an artistic cane basket with white cloth, fill it with all sweets made at home for the festive season: dodol, neureos, bebinca, kulkuls, bolinhas, cake, pinagre, oddes, mandares, doce de grão, teias de aranha, etc. She would also add some fruits and chocolates, cover the basket with beautiful handmade lace work and send it to the people whom she had in mind. Consoada was also sent at Christmas season to neighbors irrespective of their faith as a sign of sharing the festive spirit.

The custom is slowly ebbing, as people have neither time nor helping hands to prepare the Christmas sweets. So, today the Consoada is confined by sending sweets befitting the occasion to family people or very close friends who are mourning and would not celebrate Christmas. These sweets are available at any pastry shop and are placed in a tray or in aluminum boxes before being sent.

Consoada is a Portuguese word of Latin origin which means to console, to comfort and in this context sending the Consoada has significance because it is sent during Christmas season to people who are in bereavement for the loss of a dear family member.

But the custom of Consoada in Portugal is oceans apart from the habit followed in Goa. In Portugal, as in most European countries, in the centuries gone by, people used to keep open the doors of their houses on Christmas day to receive any pilgrims and travelers so that they would fraternize with the hospitable family on the 25th December, a day of profound importance in the Christian world.

As Dr. Virgílio Nogueira, a great exponent of the food habits of the Portuguese people explains that till the 20th century, the Roman Catholic Church had great influence on the food habits of the Portuguese population. Eating of meat was banned from the day the Advent started. Therefore, cod fish served with potatoes and other vegetables was the core dish of the supper on Christmas eve. This light supper is called Consoada in Portugal. Family members, arriving to their ancestral homes after a long and cold journey were comforted with the supper shared with family members seated at the table.

Speaking about Goa, this practice of sending Consoada is purely an inheritance of our Hindu Ancestry. It is called Consoada when sent at Christmas time by the Catholic Community in Goa to catholic families and friends who are in grief. This norm on other occasions is called Vhojem. It is not related to religion or to culture. It is purely a social habit practiced by our Hindu ancestors, specifically the Hindu Brahmins and the Bhatt Community before the arrival of the Portuguese and so before the conversions.

In a conversation with Mr. Vinay Khedekar, an exceptionally knowledgeable person about Goan social customs and festivals and rituals, he has stated that it is difficult to find out when this ritual started but it is an undisputed fact that it was started by the Hindu Brahmins and the Bhatt Community. During the marriage ceremony in the temple, the Bhatt would instruct the parents of the bride about the gifts to be sent to the house of the new son–in-law. These gifts need not be sent at one time. The gifting could stretch from Ganesh Chathutrti to Diwali and to other minor festivals during the first year of the marriage. So, the custom of Vhojem was born centuries ago and it is still practiced. The word Vhojem means an action of giving. There were instances, when there were 3 or 4 girls in a family, the parents had to sell parcels of property to send Vhojem to the new sons–in-law, as each Vhojem would cost around ten to fifteen thousand, in the long past.

The Vhojem consisted of every kind of sweet made at home and every dish prepared for the festive occasion. Besides fruits and vegetables displayed in the Mattoli, also colorful wooden fruits made at Cuncolim or Sawantwadi were added. All these items were packed in a big cane basket called pettaró and carried to the house of the married daughter. Normally in olden times it was carried in bullock carts when distances were long or by women on their heads. These women were eager to do this work as they would be rewarded with money and gifts. The items sent in the Vhojem were so plentiful that they were shared among friends and neighbors. This social custom of Brahmin and Bhatt has percolated to the other strata of society as the working class in the Brahmins house also imitated this habit and today it belongs to all.

In modern age, time and helping hands being the biggest hindrance, orders to prepare the Vhojem are received

well in advance by women specialized in preparing sweets and other items or by women's organizations. Later, it is sent to the house of the newly married daughter by her parents. This custom brings great expenses, usually thousands of rupees!!

But the tradition of Vhojem cannot be wished away as the social status of the parents of the bride will diminish and the gossip in social circles will swell.

The Hindu Gawda community does not practice this norm but the Christian Kunbis do so. In the Muslim Community of Goa, this convention is non-existent.

Interestingly, the Vhojem is also sent by the Hindu Community to the houses of hindu relatives or friends who are mourning the death of a family member and this can be done within one year of the death of the person.

During the feast of São João in Goa, sending of the Vhojem is an obligatory ritual among the Christians in the villages. But, at this time of pouring rains, the basket is filled with seasonal local fruits, sweets made of coconut and jaggery and a bottle of feni, perhaps to help the son-in-law in the annual jump in the well.

Figure. Pettaró.

Like the social custom of Vhojem which was captivated by the Catholics of Goa from our Hindu roots, we have other customs like the Ross ceremony of the bride or the using of Churo (colored red and green glass bangles) which belong to our social traditions, not linked to religion or culture. Banned by the Inquisition, they continue till date.

i) Bhatt = a Hindu priest

ii) Mattoli = a small pandal /platform above the place where the idol of Ganesh is placed. It is decorated with branches of betel nut, coconut, bananas and branches of mango tree being the necessary ingredients. Local vegetables and seasonal fruits are also used to decorate the mattoli.

SANI

Serviços Autónomos de Navegação da Índia

por **Francisco da Purificação Monteiro**

Sócio fundador da Casa de Goa.
Colaborador nos sites/ fóruns SuperGoa (Portugal), Goancauses (Estados Unidos), Goaportuguese (Pangim-Goa), Tanzanite (Canadá) e na revista Voz de Oriente (Portugal).

Resumo
O território de Goa tem uma extensa rede hidrográfica. Para além do grande impacto na agricultura, a navegabilidade dos mesmos permitiu que os rios fossem utilizados no transporte das pessoas, bens e mercadorias.
Datam dos meados do século dezanove os primeiros transportes fluviais motorizados. A criação de uma entidade responsável pela navegação permitiu um aumento exponencial na rede e nos passageiros transportados.
Paralelamente desenvolveu-se a indústria de reparação e construção naval. Apesar da construção de inúmeras pontes o tráfego fluvial tem sido imprescindível no progresso do território.

Abstract
The Goan territory has extensive hydrographic network. Besides the huge impact on agriculture, the navigability of the rivers allowed them to be used in the transport of people, goods and merchandise.
The first motorized fluvial transport had their maiden voyages in the middle of nineteen century. The creation of an accountable entity allowed an exponential growth in the network and of number of passengers.
In parallel there was the development of ship repair and building. Despite an impressive increment in bridge-building, the fluvial traffic has been an essential tool in the progress of the territory.

Para os habitantes de Goa, para os que lá viveram, ou para os que por lá passaram, por motivos profissionais ou em serviço militar, é inesquecível a imagem dos nossos típicos ferry boats fazendo a ligação entre as margens dos nossos rios.

O objectivo deste artigo é recordar e dar a conhecer a importância que os serviços de navegação fluvial tiveram na mobilidade das populações, bem como o impacto na economia e desenvolvimento do território.

Permitam que faça uma pequena abordagem sobre os rios de Goa dada a importância relevante que tem nas comunicações, na economia e no desenvolvimento do território; assim de Norte para Sul temos o Tiracol ou Araundém com uma extensão navegável de 25 km; o Chaporá ou rio de Colvale navegável em cerca de 30 km; o Baga navegável em 5 km; o Mandovi navegável em 50 km; o Zuari, navegável em 52 km; o Sal navegável

em 30 km; o Talpona navegável em 2 km e o Galgibaga navegável em 2 km.

As populações ribeirinhas utilizavam pequenas embarcações a remos para as ligações entre as margens dos rios; somente por volta de 1850 foram criados os serviços de navegação fluvial que iniciaram as ligações entre Panjim e as localidades nas duas margens do rio Mandovi; nos anos seguintes foram garantidas as ligações em quase todos os rios.

Damos aqui a conhecer as diversas etapas que levaram a criação dos SANI – Serviços Autónomos de Navegação da Índia, com sede em Panjim:

A 22 de Março de 1880 inicia-se a navegação fluvial nos rios de Goa, feitas por lanchas a vapor. A 18 de Maio de 1904, é celebrado contrato com a Companhia Shepherd de Bombaim para o estabelecimento de carreiras fluviais em Goa servidas por navios a vapor.

A portaria de 7 de Dezembro de 1909 aprova o Regulamento para o Serviço de Navegação Fluvial de Goa. Finalmente a 1 de Janeiro de 1910, entram em funcionamento 7 lanchas a vapor destinadas à navegação fluvial de Goa.

Por Portaria de 6 de Janeiro de 1922 é remodelada a organização dos Serviços de Navegação e Fluviais.

O Diploma Legislativo nº 762 de 30 de Outubro de 1935 regulamenta as competências dos Serviços Autónomos da Navegação Fluvial.[1]

Figura 1. Estação central de Panjim - vista do cais de navegação fluvial em 1910
(cortesia da ACTD - Arquivo Científico Tropical, Lisboa)

[1] Carlos Alexandre Morais, Cronologia Geral da Índia Portuguesa 1498 – 1962, 2ª edição, revista e aumentada, Editorial Estampa, Lda, Lisboa, 1997

Figura 2. Uma das primeiras lanchas ao Serviço de Navegação Fluvial de Goa em 1910, ancorada no rio Mandovi (cortesia da ACTD - Arquivo Científico Tropical, Lisboa).

No início dos anos 40 as embarcações a vapor foram sendo substituídas por embarcações com motores a gasolina e diesel. Os típicos ferry boats que transportavam passageiros e viaturas asseguravam as seguintes travessias:

No rio Mandovi − Pangim-Betim (cais de Gugires); Velha Cidade-Divar, Naroá-Divar e S. Brás-Gandaulim;

No rio Zuari − Agaçaim e Cortalim.

No rio Chaporá − garantiam a ligação entre Siolim-Chopdém.

No rio Tiracol − ligavam Querim ao enclave de Tiracol;

No rio Sal ligavam Cavelossim a Assolnã.

As lanchas e alguns ferry-boats adaptados garantiam as carreiras ligando Panjim-Betim; Panjim-Pomburpá, Panjim-Aldonã, Panjim-Velha Cidade, Panjim-Betim-Verém de Reis Magos-Aguada; D. Paula-Mormugão; Tonca-Piligão; a ligação entre Panjim-Savoi Verém (Verém de Pondá) estava concessionado a uma empresa privada.

Figura 3. Passageiros e automóveis entrando no ferry boat na rampa do cais de Gugires em Panjim (cortesia de Team-BHP.com).

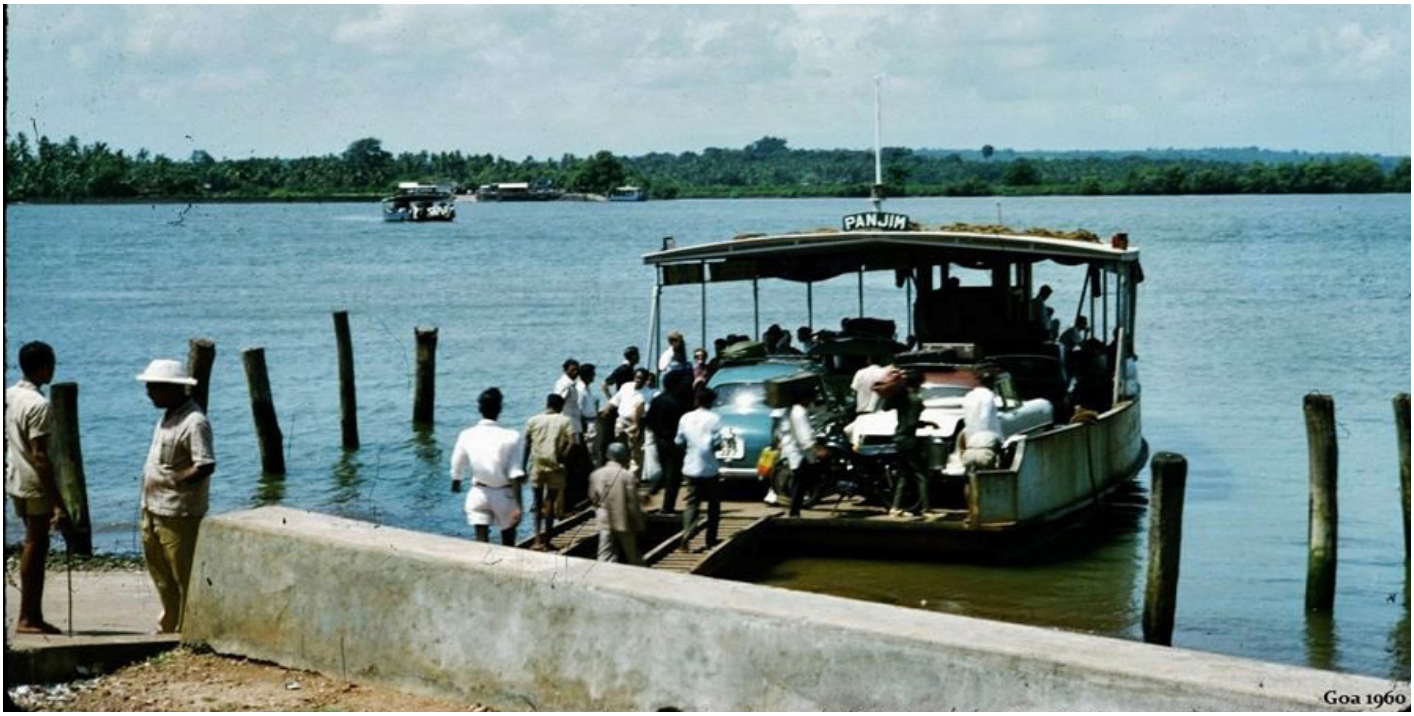


Figura 4. O ferry boat "PANJIM" prestes a sair de Cortalim com destino a Agaçaim (cortesia de Team-BHP.com).

Os SANI dispunham dos seus próprios estaleiros navais com moderna tecnologia de construção naval que permitia a construção dos ferry boats que asseguravam as travessias nos rios de Goa; faziam a manutenção das lanchas "Comandante Sá Linhares", "Comandante Quintanilha", "Goa", "Mapuçá", "Margão", "Damão", "Diu"e "Adam Can"; em 1960 construíram a moderna lancha que foi batizada com o nome "Infante D. Henrique", com capacidade para transportar 20 passageiros na 1ª classe e 80 na 2ª classe, que passou a ser utilizada na ligação a Panjim-Verém de Reis Magos-Aguada e entre Dona Paula-Mormugão nos meses de Janeiro a Abril. [2]

Até a inauguração dos Estaleiros Navais de Goa em Vaddém (Mormugão) em 30 de Abril de 1960 os SANI deram assistência as traineiras de pesca "Lisboa", "Porto", "Sado", "Mondego" e 2 embarcações de apoio "Portimão" e "Vale do Sado" que chegaram a Panjim em 1958 e operavam a partir do porto de Panjim; deram também assistência as lanchas de fiscalização "NRP Vega", "NRP Antares" e "NRP Sirius", que pertenciam ao Comando Naval de Goa. Construíram e deram assistência aos "lusitos" e "sharpies" dos clubes náuticos da Mocidade Portuguesa de D. Paula e Assolnã. [3]

Os SANI fizeram a instalação de luz eléctrica em Betim, que proporcionou a iluminação do cais, da rampa, das residências e comércio desta localidade. [4]

Figura 5. Vista panorâmica do rio Zuari, com um ferry boat atracado na rampa de Cortalim e as camionetas que faziam a ligação a Vasco da Gama e Margão (cortesia de Team-BHP.com).

[2] A Jornada Continua, ...dois anos de Governo do Estado da Índia do Senhor Gen. Manuel António Vassallo e Silva, Goa Imprensa Nacional, 1960, p.301.

[3] A Jornada Continua, ...Dois anos de Governo do Estado da Índia do Senhor Gen. Manuel António Vassallo e Silva, Goa Imprensa Nacional, 1960, p.301.

[4] A Jornada Continua, ...Dois anos de Governo do Estado da Índia do Senhor Gen. Manuel António Vassallo e Silva, Goa Imprensa Nacional, 1960, p.302.

Em 1960 os SANI dispunham de 9 lanchas e 18 ferry boats, 4 deles, com a capacidade para o transporte de 180 passageiros ou 60 passageiros e 4 carros ligeiros ou 2 pesados, que asseguravam as ligações entre os cais dos Gugires (Panjim)-Betim e Agaçaim-Cortalim; [5] os de menor tonelagem podiam transportar 30 passageiros e 2 carros ligeiros ou 1 pesado, garantiam a ligação entre as localidades mencionadas anteriormente.

Depois da invasão e anexação de Goa, os SANI passaram a ser designados como "River Navigation Department", e cuja sede foi deslocada para Betim, em virtude da sede em Panjim ter sido demolida; tem uma frota de 37 ferry boats e 1, lancha, que assegura as seguintes ligações: Pangim-Betim, Vanxim-Ambai, Ribandar-Chorão, Velha Cidade-Piedade, São Pedro-Divar, Tonca-Sarmonas, Tolto-Daugim, Amona-Candolá, Pomburpá-Chorão, Calvim-Carona, Aldonã-Corjuém, Naroá-Divar, Volvoi-Surla-Maina e Cumbarjua-Gandaulim, todas no rio Mandovi.

No rio Zuari garantem a ligação entre Marcaim-Cortalim, Durbate-Racaim, D. Paula-Mormugão, Raia-Sirodá.

No rio Chaporá a ligação entre Camorlim-Tuém. No rio Tiracol a ligação entre Querim-Tiracol (enclave).[6]

Com a construção das pontes nos rios Chaporá, Zuari, Sal e nalguns braços do rio Mandovi, foram desactivadas as travessias que os ferry boats asseguravam.

A travessia entre Betim e Panjim mantém-se apesar de já existirem 3 pontes que asseguram a travessia entre Panjim e a margem direita do Mandovi. Ao terminar este artigo desejo salientar o valioso contributo que os SANI deram para o progresso de Goa.

Nota

O autor deste artigo conheceu bem as travessias Panjim-Betim, Agaçaim-Cortalim, Siolim-Chopdém, viajou nas lanchas nos percursos Panjim-Betim-Verém (Reis Magos), Panjim-Velha Cidade e Panjim- Savoi Verém – Verém de Pondá e fez uma viagem de estudos quando aluno do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque e como tal foi uma das fontes para este artigo.

Bibliografia

Carlos Alexandre Morais, A Queda da Índia Portuguesa. Crónica da Invasão e Cativeiro, Editorial Estampa, 2ª edição revista e aumentada, Lisboa, 1995.
Carlos Alexandre Morais, Cronologia Geral da Índia Portuguesa 1498 – 1962, 2ª edição, revista e aumentada, Editorial Estampa, Lda, Lisboa, 1997.
A Jornada Continua, Imprensa Nacional, Goa, 1960.
Notícias do Estado da Índia- Boletins Quinzenais da Repartição Central de Estatística e Informação - 1955
Stastical Hand Book of Goa, Government of Goa, 2000
Goa Yeasterday-Today-Tomorrow, A. D. Furtado, Furtado´s Enterprises, Goa, 1981

[5] A Jornada Continua, ...dois anos de Governo do Estado da Índia do Senhor Gen. Manuel António Vassallo e Silva, Goa Imprensa Nacional, 1960, p.300.
[6] www.rnd.goa.gov.in, ferry cross Government of Goa.

Dr. Adélia Costa:

Angel of Mental Health

by **Óscar de Noronha**

Professor universitário de língua e literatura inglesa
Curador da Third Millennium Foundation (Goa)
Apresentador de Renascença Goa

Abstract
Born on 27 August 1928, Maria Adélia Peres e Costa, commonly known as Adélia Costa, was the first lady neuropsychiatrist in both continental and overseas Portuguese territory and a pioneer of mental health in Goa. In 1956, she was appointed the first director of the newly established Abade Faria Mental Hospital in Panjim, which she modernized to the extent possible during her tenure. She resigned from her post shortly after the events of 1961, to pursue her studies in Portugal. She later opened a consulting room in the capital of Goa. For half a century, she tended to her patients with deep devotion and kept abreast of developments in her field of medicine. She died on 10 December 2019 and lies buried in the cemetery of her native village, Loutulim.

Resumo
Nascida em 27 de Agosto de 1928, Maria Adélia Peres e Costa, vulgarmente conhecida como Adélia Costa, foi a primeira mulher neuropsiquiatra em todo o território português e pioneira da saúde mental em Goa. Em 1956, foi a primeira directora do Hospital Mental Abade Faria, então recém-estabelecido em Pangim, o qual modernizou durante o seu tempo de serviço. Demitiu-se do cargo logo depois dos acontecimentos de 1961, para prosseguir os estudos em Portugal. Mais tarde, abriu o seu consultório na capital de Goa. Com uma vasta clínica, que exerceu como sacerdócio, durante meio século, foi cônscia dos seus deveres e esteve sempre ao corrente dos desenvolvimentos na sua área de medicina. Faleceu em 10 de Dezembro de 2019 e foi sepultada no cemitério da sua aldeia natal de Loutulim.

She was Goa's best known neuropsychiatrist. The first to turn the spotlight on mental health in our land, she served the community professionally for half a century. In the last decade or so she lived a quiet, retired life, at her most caring sister Satyá and brother-in-law Álvaro de Noronha Ferreira's residence in Miramar, Panjim. She passed away on 10 December 2019 at the age of 91.

Few would know that Maria Adélia Peres e Costa[1] was also the first neuropsychiatrist that Goa produced. After graduating from the Escola Médico-Cirúrgica de Goa, she pursued specialised studies in Lisbon, becoming the first lady neurologist in Portuguese territory. On her return to Goa in 1958, she was appointed the first director

of the freshly set up state-run Abade Faria hospital (now called Institute of Psychiatry and Human Behaviour).

A research paper in the Indian Journal of Psychiatry states that the young director was appalled at antiquated methods of handling lunatics and bizarre practices of interning political prisoners alongside those patients![2] She highlighted the anomalies and suggested corrective measures, in a report that the Portuguese local government promptly accepted. At once deputed to source modern equipment and medicines from France, she returned with many goodies for the so-called "children of a lesser god".

Figure 1. Young doctor

Figure 2. Senior Neuropsychiatrist

Brand-new infrastructure alone can do no wonders, much less do away with stigma attached to a mental hospital. So it was the range of humane practices inspired by Dr Adélia that finally led to an attitudinal change in the staff and the public. Patients were brought out from custody to an open and friendly environment. The hospital staff became skilled at grooming the inmates and administering standard medications. Relatives and friends, too, eventually began to minister to their kin with tender love and care. A gentle revolution in healthcare got started.

By March 1962, Dr Adélia had sensed that the gentle revolution would not be sustainable. The resolute lady was on her final round of the hospital wards while, thousands of miles away, Ken Kesey's novel One Flew over the Cuckoo's Nest exposing Nurse Ratched's antics in an Oregon psychiatric hospital, was making waves for all the right reasons.

Figure 3. Dr. Adelia Costa at her office.

Dr Adélia flew out to Portugal, this time to study psychiatry, and on her return set up private practice in Panjim. Before long, Dr Adélia became a household name, a name synonymous with mental health. Her residence and clinic was always teeming with patients, many of them from beyond the borders of Goa. They eagerly waited to meet that doctor who spoke little but did a lot, that healer whose initial reserve quickly gave way to a smile and some curative banter. Never mind the labels "*nervanchi dotor*" and "*pixianchi dotor*"[3] contrived by the man in the street, medical cases were sure to find ethical solutions at the hands of this angel of mental health.

Dr Adélia had the makings of a model physician. Not only was she on top of the latest news and trends in medicine, she worked tirelessly, disregarding her personal ups and downs. That she could recall case histories with ease spoke volumes about her commitment. A cool head, a good listener, she was empathetic to the mental and material needs of the patients, and they never felt rushed. Even as it was striking that she always put on the white coat, it was even more so that she meticulously filed her patient treatment cards to the very end. She exuded self-confidence, yet humility was her abiding trait. And all of this came from her passion to make a difference in the lives of others.

In addition to being a remarkable professional, Dr Adélia was a remarkable senhora. While fully dedicated to her clinical responsibilities, she also saw to her other obligations. After a hard week's toil she would drive down to Loutulim in her Standard or Fiat and, later, a first-generation Maruti-Suzuki (all in classy shades of green) to spend weekends with her mother. And amidst all the chores, she still found the time to read and have a chat. And yes, she stopped to pray. She was more than just a Sunday Catholic. Her participation in the early morning Way of the Cross at the city church on Good Friday is one picture that has stayed with me since I first saw it.

There was an obvious connection between Dr Adélia's faith and her life as a medico. She was a contemplative in action, living out beautifully what the twentieth-century savant Alexis Carrel called "a journey of the soul towards the realm of grace."[4] A role model for many, Dr Adélia spent a lifetime alleviating human suffering, by treating and reassuring others. If at all earthly memories mean anything to her in heaven, she will feel blessed to know that she lives in their grateful hearts and minds.

In the year 2009, Third Millennium Foundation, of which I am the managing trustee, honoured her for a lifetime of selfless service… And at the end of the day, I it was who felt blessed and honoured by Goa's angel of mental health.

---

[1] Maria Adélia Peres e Costa was born on 27 August 1928, to Manuel Salvador Costa and Ana Maria Carolina Peres. She was sister/sister-in-law to Rosa and Artur Dias; José Maria Quadros e Costa; Pedro and Maria Antónia Canijo; Manuel António and Elsa Sanches; Alfred and Beatriz Mesquita; Vera and Alfredo Bruto da Costa; Quitéria and Raul do Nascimento Costa; and Satyá and Álvaro de Noronha Ferreira.

[2] Cf. "Historical aspects of the Institute of Psychiatry and Human Behavior, Goa", by Ashish Srivastava, Bramhanand Cuncoliencar, Yvonne da Silva Pereira, Year 2018, Vol. 60, Issue 6, pp. 236-238, accessible at http://www.indianjpsychiatry.org/article.asp?issn=0019-5545;year=2018;volume=60;issue=6;spage=236;epage=238;aulast=Srivastava. Curiously, Dr Adélia Costa, who was designated as 'Director', is referred to as 'first medical superintendent', probably as this is the present-day nomenclature. The political prisoners referred to are some of those thrown up by the last phase of the political movement against the Portuguese rule in Goa.

[3] Literally, "nerves doctor" and "doctor of mad people", in Konkani.

[4] Carrel, Alexis. Man the Unknown

O Grupo EKVAT

Entrevista por
Manuel Vieira Pinto

Sócio da Casa de Goa
Jurista. Foi quadro, administrador e consultor de diversas empresas públicas e privadas e presidiu aos conselhos directivos do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social e do Gabinete Português de Estudos Humanísticos

Maria Virgínia Brás Gomes
em representação do grupo EKVAT

Sócia fundadora da Casa de Goa.
Membro do EKVAT desde a fundação.
Pertenceu à Direção liderada por Alfredo Bruto da Costa (2001-2004), como responsável pelo pelouro da cultura.
Participou com o tema "From Goa into the World" na Convenção da Diáspora Goesa, em Lisboa (Abril de 2007).
Coordenou o programa de comemoração do 30º aniversário da Casa de Goa (2017), por convite da Direção liderada por Edgar Valles.

MVP: Qual o significado da palavra EKVAT?

MVBG: A palavra EKVAT significa raízes no sentido mais generoso e abrangente do termo, ou seja, raízes de ligação à nossa terra mãe, donde brotou a seiva que nos alimenta física e emocionalmente, e raízes no sentido de elos de ligação não só a Goa do presente mas também a todas as comunidades goesas da diáspora.

MVP: Quando e como surgiu o EKVAT?

MVBG: O EKVAT, inicialmente Grupo de Danças e Cantares de Goa, nasceu de uma conversa informal entre amigos. Tinha passado por Lisboa, vindo de Goa, o Grupo GAVANA. Vários dos seus membros eram nossos amigos de há muitos anos e da relação estreita que surgiu enquanto os acompanhávamos e de como foi bom ouvir a nossa música, por eles interpretada, nasceu o desejo de nós também constituirmos um grupo. Vários dos membros que vieram a constituir o EKVAT já tinham participado em agrupamentos universitários, tendo até estado no Brasil, num evento de divulgação e em Paris, no Olympia, integrando uma deslocação com

a Amália Rodrigues. Da ideia, à sua realização, foi um instante. Fizeram-se contactos, delinearam-se projetos e, talvez, mais importante do que tudo o resto, conseguiu-se aliciar os nossos filhos (e nesta designação afetuosa englobo todos os jovens que passaram pelo EKVAT e os que nele permanecem). O 1º espetáculo, na Sociedade Portuguesa de Geografia, em 31 de Março de 1989, foi um enorme sucesso e um marco importante na divulgação da cultura e do folclore de Goa. Ao longo dos anos, tivemos vários momentos altos dos quais realço a tournée à India em Junho de 2011, a convite do Dr. Eduardo Faleiro, na altura NRI Commissioner (Comissário para os Indianos não Residentes) e do International Council for Cultural Relations, com espetáculos realizados em Goa, Mumbai, Bengaluru e Delhi. Foi um convite inesperado, que muito nos honrou!

Figura 1. Grupo Ekvat

MVP: Quais os seus objetivos?

MVBG: São três os nossos objetivos, ligados entre si.

O primeiro, é o da divulgação do folclore de Goa. Queremos que o público presente nos nossos espetáculos vislumbre uma outra forma de estar e de sentir através da música, do canto e da dança. Queremos, também, fazer um convite a novos públicos, abrindo-lhes as portas para outras vertentes de relação com a música, como forma de arte que mais não ensina, do que o significado da vida.

O segundo, é um objetivo de inovação porque entendemos que nenhuma expressão cultural ou artística, é passível de ser desenraizada do seu contexto de origem (Goa) e transposta para o exterior do espaço original, sem uma preocupação de inovação e de adaptação a novas influências culturais, a que todos nós estamos sujeitos nos nossos países de acolhimento, onde já vivemos há muitos anos. Goa já não é a da nossa infância e

nós também já não somos os mesmos. Por isso, para projetar o nosso folclore para além de nós mesmos, temos de o preservar, desenvolver e recriar.

O terceiro objetivo tem a ver com o "carisma" que Goa, ela própria, se encarregou de difundir, ampliando a sua familia cultural. Nesse sentido cabe-nos a missão de sermos os mensangeiros junto dos seus filhos e netos de sangue e outros dos afetos. Neste último caso estão vários jovens portugueses que, não sendo oriundos de Goa, comungam dos mesmos objetivos e enriquecem o EKVAT com a sua energia e criatividade.

Queríamos aqui deixar expresso o nosso enorme reconhecimento ao Jerónimo Silva e ao Arvi Barbosa, diretores musicais do EKVAT, que muito contribuíram para a nossa qualidade na criação, inovação e interpretação, bem como à Lourdes Elvino de Sousa que tem coordenado toda a nossa atividade com rigor e entusiasmo. Uma palavra de saudade a todos os nossos companheiros, hoje noutra dimensão, que enriqueceram esta jornada à procura de nós mesmos, em territórios da diáspora, com o seu amor por Goa. Também o fizeram outras pessoas que, entretanto, deixaram o Grupo, mas cujo contributo não queremos deixar de realçar.

MVP: Quais são as principais dificuldades com as quais o EKVAT conta atualmente?

MVBG: As nossas principais dificuldades prendem-se com a renovação dos instrumentistas e cantores. A 1ª geração de goeses que constituiu o grupo inicial, está confrontada com as limitações próprias do processo de "amadurecimento". Não fazemos disso nenhum drama, pelo menos no futuro próximo, procurando reconfigurar o grupo e ajustar a nossa participação em eventos e espetáculos de acordo com as possibilidades em cada momento. Mas não pode deixar de nos preocupar a renovação no contexto da continuação do trabalho do grupo, como atividade marcante e cartão de visita da Casa de Goa, tão apreciado em Portugal, em Goa, em Londres, ou em Washington, onde já tivemos oportunidade de atuar. Já desencadeamos várias tentativas de angariação de novos membros, mas sem grande sucesso. Se o grupo dos bailarinos tem vencido as dificuldades e conseguido atuar, não só com o grupo todo, mas também em apontamentos com música gravada, já em relação aos cantores e instrumentistas, a mesma possibilidade não se verifica.

Figura 2. Atuação dos jovens do Grupo Ekvat

MVP: Poderá a Direção da Casa de Goa fazer alguma coisa para atenuar essas dificuldades? Como?

MVBG: O EKVAT tem mantido ao longo dos anos excelentes relações com as sucessivas Direções da Casa de Goa, que têm encorajado o seu trabalho como Grupo da Casa de Goa, sem deixar de reconhecer a sua autonomia de atuação e a capacidade de angariação de fundos para a Casa de Goa. Neste momento, como já acima referido, precisamos de novos membros. Todos os esforços nesse sentido serão bem-vindos.

Figura 3. Atuação do Ekvat na UCCLA (2019)

Francisco Luís Gomes

Parlamentar e Economista

por **José Filipe Monteiro**

Fundador da Casa de Goa
Editor Associado da Revista da Casa de Goa

Resumo
Francisco Luís Gomes, um dos mais ilustres e multifacetado filhos de Goa, foi médico, parlamentar, orador, jornalista, economista e historiador.
O seu percurso, enquanto parlamentar, é talvez o menos conhecido. Contudo, esse foi o período mais produtivo da sua curta existência.
Nos 8 anos (1861-1869) como deputado às cortes, viu dezassete dos seus projectos-lei serem aprovados no parlamento e, pelas suas inúmeras intervenções nas cortes, foi considerado, um nome entre os nomes verdadeiramente ilustre do parlamento, pelos mais reputados membros da sociedade portuguesa da altura.
Neste artigo são analisadas e reflectidas duas das suas inúmeras intervenções e feita uma súmula do seu opúsculo "A Liberdade da Terra e a Economia Rural Da Índia Portuguesa".

Abstract
Francisco Luís Gomes, one of the most distinguished and multifaceted sons of Goa, was a doctor, parliamentarian, speaker, journalist, economist and historian.
His path as a parliamentarian is perhaps, less well-known. However, this was the most productive period of his short life.
In the eight years (1861-1869) as a deputy in the parliament, seventeen of his bills were approved in the parliament and, due to his various interventions in the royal court, he was considered, a name among the names, truly illustrious in the parliament, by the most reputed members of the Portuguese society at that time.
In this article, are analyzed and reflected two of his various interventions in the parliament and a short synopsis of his brochure on ""A Liberdade da Terra e a Economia Rural Da Índia Portuguesa" ("The freedom of land and the rural economy of Portuguese India").

No passado mês de Setembro, completaram-se 150 anos do falecimento de Francisco Luís Gomes (FLG).

A morte marcou o seu encontro, com este ilustre filho de Goa, no dia 30 de Setembro de 1869, em pleno Mediterrâneo, quando ia da Madeira a Goa.

A imensidão do leito do mar foi a sua sepultura!

Figura 1. Estátua de bronze em tamanho natural, em Campal, Panjim.

No panteão dos goeses ilustres, Francisco Luís Gomes será, quiçá, o mais multifacetado talento que a nossa terra-mãe viu desabrochar.

A Direcção e o corpo Editorial da Revista da Casa de Goa, decidiram homenagear este grande vulto da nossa história neste número dedicado ao homem − médico, parlamentar, orador, jornalista, economista e historiador − e à sua obra.

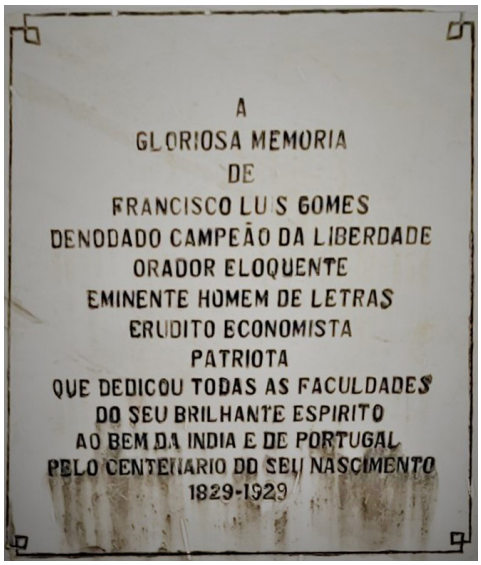


Figura 2. Lápide na base da sua estátua em Campal, Panjim.

Assim, no seu manuscrito, Mário Viegas descreve em termos globais a sua intervenção nas mais diversas áreas do saber, enquanto Valentino Viegas faz uma apreciação ao seu romance "*Os Bramânes*".

Eu optei por expor a sua actividade parlamentar, porventura a menos conhecida, enquanto Deputado às Cortes de Portugal.

FLG foi eleito deputado da Nação às Cortes pelo círculo eleitoral de Salcete e Canácona para o período de 1861-1864 e reeleito para o triénio 1864-67.

Apesar de ter tido dois mandatos muito profícuos, com várias intervenções do mais alto nível e aprovação de inúmeras das suas propostas (17 projetos-lei) no parlamento, não conseguiu ser reeleito para um terceiro mandato por esse mesmo círculo, por intrigas e maquinações da sociedade marganense da altura.

Contudo, o povo de Bardez exigiu que ele se candidatasse por este círculo em vez do deputado já eleito. Francisco Luís Gomes concorreu sem oposição e venceu. Infelizmente a morte colheu-o antes de terminar o seu mandato.

Nascido em plena guerra civil portuguesa (Guerras Liberais/Guerra Miguelista ou Guerra dos Dois Irmãos), não seria de estranhar, que, com a vitória das forças pedristas (D. Pedro IV), FLG abraçasse e bebesse as ideias liberais, daí a sua proximidade ao Partido Regenerador.

Neste texto, pretendemos realçar o que foi a sua lide parlamentar, o seu conhecimento aprofundado dos problemas da economia rural goesa e os projectos para a sua resolução.

Das suas inúmeras intervenções no parlamento, optamos por duas que identificam bem o seu orgulho de ser goês e a análise crítica da defesa dos direitos do povo de Goa, bem como o profundo conhecimento das querelas em que na altura estavam envolvidas duas instituições da Igreja Católica − **O Padroado e a Propaganda Fidei.**

E, por último, decidimos por uma resenha do seu opúsculo, A **Liberdade da Terra e a Economia Rural da Índia Portuguesa.** A constituição da propriedade rural em Goa, tem a sua origem nas gãocarias e é sem dúvida um verdadeiro *case study* para os amantes da ciência agrária.

Defensor dos direitos dos povos das colónias

Escassos três dias após a sua chegada a Lisboa, no dia 12 de Janeiro de 1861, FLG discursava no parlamento em resposta a uma intervenção do decano dos deputado, o madeirense Luís Vicente Afonsoseca, ele próprio, também médico e eleito pelo círculo de Madeira durante 34 anos.

Figura 3. Francisco Luís Gomes na toponímia de Lisboa, Olivais.

Na sua intervenção, o deputado madeirense, na altura com uma tarimba de mais de 20 anos, apresentava ao parlamento uma proposta em que negava aos territórios ultramarinos o direito à representação parlamentar.

Na defesa da sua tese citava o exemplo da Inglaterra que, no parlamento, não admitia representantes das colónias − porque essas colónias, não tinham atingido a civilização Europeia − nem sequer das suas colónias com população branca, como o Canadá.

Na sua contestação, FLG afirmava que "*não duvidava que a Inglaterra era uma nação modelo. Mas mais que o melhor modelo, são os princípios sagrados que não permitem que numa governação livre, centenas de pessoas sejam alienados dos seus direitos políticos, dos direitos através dos quais exercem o seu poder político, pelo simples facto de terem nascido nas colónias ultramarinas.*

Na Índia – Índia Portuguesa – não há banquetes de carne humana; pelo contrário há seitas cujas mãos não estão manchadas com sangue; que abstém de qualquer dieta com carne; que tem uma grande compaixão pelos animais".

E prosseguiu "*Na India há cerca de 30000 habitantes versados na língua de Camões. Que apesar do círculo de Salcete e Canácona, que ele representava, ter 100000 habitantes, somente 2000 estavam inscritos nos cadernos eleitorais, porque para tanto é necessário um comprovativo de pagamento de um imposto 320 réis fortes.*

Para uma eleição justa é necessário que o eleitor prove que tem qualificações que garantem o uso judicioso e independente do voto; o que não é admissível é que seja questionado em relação ao seu país de origem ou a sua cor".

O deputado FLG, na altura com 32 anos, terminava a sua intervenção afirmando que ele não se sentia ofendido pelo discurso do Dr. Afonsoseca. Mas que naquele parlamento, ele representava 100000 eleitores e, nessa qualidade, ele exprimia a sua opinião sem medo ou qualquer reserva.

O brilhantismo do seu discurso granjeou-lhe os maiores elogios de toda a imprensa lisboeta. O influente jornal, "*A Revolução de Setembro*", escrevia que, no Dr. Gomes, as colónias tinham garantido um grande defensor, que apresentava uma grandeza de pensamento, uma fluência no discurso e uma correção no estilo que refutava a declaração do deputado da Madeira.[2]

As ideias políticas de FLG, tinham o seu berço na revolução francesa. A sua chegada a Lisboa e as suas intervenções no parlamento suscitaram aplausos dos seus admiradores e opositores. Passou a ser conhecido como o "*Príncipe do pensamento goês, uma simbiose de culturas: oriente e ocidente*."

Diferendo entre o Padroado e a Propaganda Fidei

O Padroado Português resultou de um acordo instituído entre a Santa Sé e Portugal, em que o Papa delegava no Rei de Portugal o exclusivo da organização e financiamento de todas as atividades religiosas nos domínios e nas terras descobertas por portugueses.

A instauração desta instituição remonta ao início da expansão marítima portuguesa em meados da década de 1400 e foi confirmado pelo Papa Leão X em 1514. Através do Padroado, o Rei de Portugal podia construir igrejas e nomear os padres e os bispos, sendo estes, depois, aprovados pelo Papa. Assim, as estruturas do Reino de Portugal tinham não só uma dimensão político-administrativa, mas também religiosa. Com a criação do Padroado, muitas das atividades características da Igreja Católica eram, na verdade, funções do poder político.

Ao longo dos anos, à medida que a expansão marítima se alargava, também a extensão do Padroado do Oriente, que tinha a sua sede em Goa, foi-se estendendo de Moçambique ao extremo Oriente (incluía dioceses da China).

Como consequência deste alargamento, o Estado português viu-se sem recursos humanos e financeiros para ir ao encontro dos compromissos decorrentes do sistema de padroado.

Por outro lado, outros países europeus, como a Inglaterra e a Holanda, estavam em franca expansão ultramarina o que gerava alguma insegurança nos padroados tradicionais, nomeadamente o português.

A sensibilidade religiosa diferente — anglicana e calvinista — mostrou-se globalmente negativa para a acção missionária católica.

Além do mais, há que compreender que estes acontecimentos têm lugar em plena crise dinástica portuguesa.

A dificuldade de Portugal poder cumprir a sua obrigação, leva o Papa Gregório XV, com a Bula *Inscrutabili Divinae* de 22 de junho de 1622, a criar uma Congregação, com o nome de *Propaganda Fide*.

Esta congregação tinha uma tarefa especificamente missionária que era exercida através das Pontifícias Obras Missionárias e dos Vicariatos.

Os Vigários Apostólicos da *Prapaganda Fidei* resolveram restringir a jurisdição do Padroado aos territórios na India, o que levou a um diferendo entre estas duas instituições.

A face mais visível deste conflito foi a nomeação do Arcebispo Dom José Maria da Silva Torres em 1844, que instruiu o clero sob as suas ordens a ignorar os Vigários apostólicos da *Propaganda Fidei*.

Esta insubordinação do Arcebispo levou a que o Governo de Lisboa, a pedido do Vaticano, ordenasse seu regresso a Lisboa em 1849.

Desde essa data e até à Concordata de 1862, a Arquidiocese de Goa não viu o lugar de Arcebispo preenchido. Sem Arcebispo, os seminaristas, que tinham concluído os seus estudos, não podiam ser ordenados.

No sentido de resolver este impasse, a pedido das Cortes, o Bispo de Macau, D. Jerónimo da Mata, no seu regresso, fez uma escala em Bombaim onde ordenou quatro padres goeses – António Soares, Gabriel da Silva, Brás Fernandes e José de Melo.

Como a ordenação tinha sido feita em Bombaim, isto é, fora da jurisdição do Padroado, a Santa Sé ordenou, através de um breve papal, *Probe Nostis*, a suspensão e excomunhão do Bispo e dos quatro padres.

Na sessão parlamentar de 6 de Julho de 1861, numa alocução antes da ordem do dia, Francisco Luís Gomes, exigia ao Ministro a explicação para a omissão do Arcebispo em revogar a ordem de excomunhão dos quatro padres.

Alguns excertos da sua intervenção no parlamento:

"*Começo por agradecer esta Câmara, pela sua boa vontade em me escutar, e eu não quero tirar qualquer partido da sua Boa fé para fomentar paixões ou tempestades políticas…*

Quero chamar a atenção desta, Casa e do Governo, para os acontecimentos que tiveram lugar recentemente em Bombaim e a que eu fiz uma referência no passado recente.

*O Arcebispo de Goa não comunicou "**in divines**" com os quatro padres interditados pela **Probe Nostis**, tendo, inclusivamente, privado um deles do cargo do Vigário Geral que ele já ocupava".*

Ainda antes de expor detalhadamente a situação, expressou o seguinte: "*Desejo fazer esta declaração, apesar da minha consciência me dizer que ela é desnecessária, pois eu venho defender um direito – o direito da Igreja Lusitana − sem que de modo algum, haja na minha intervenção qualquer falha na veneração que eu devo ao Chefe da Igreja, ao Vigário de Cristo na terra*".[2]

Fez de seguida uma extensa resenha do conflito entre o *Padroado* e a *Propaganda Fidei*, e como, esta

instituição afrontava os direitos do Padroado.

Ainda na sua intervenção pergunta: *Qual a falha do Bispo de Macau? Qual a falha dos quatro padres?*

O Bispo de Macau exerceu a sua Função Episcopal em Bombaim, que pertenceu à Diocese de Goa, e com a anuência do Vigário Capitular de Goa.

Os quatro padres colaboraram e obedeceram ao Bispo de Macau e obedeceram ao Vigário Capitular de Goa.

E eu pergunto. Poderiam ter agido de modo diferente?

Se tivessem, seriam sujeitos à expropriação dos bens e ao estigma da ignomínia e ao anátema do governo. Se cumprissem o seu dever, como fizeram, incorriam na ira da Propaganda Fidei, e censura e excomunhão do Vaticano.

Afonso de Albuquerque passou por um dilema semelhante quando afirmou:

"*Mal com el-rei por amor dos homens, mal com os homens por amor de el-rei.*

Será que os quatro eclesiásticos poderiam afirmar "Mal com a Nação por amor da Propaganda Fidei, mal com a Propaganda Fidei por amor da Nação?"[2]

Francisco Luís Gomes voltou a abordar este tema no parlamento no dia 18 de Fevereiro de 1863 e o Ministro da Marinha informou FLG que não tinha conhecimento da suspensão dos quatro eclesiásticos, quer por parte do Governo quer pela parte do Arcebispo Primaz do Oriente.

Em face desta resposta, a sessão foi adiada. Com a chegada do correio da India, o nosso deputado convidou o ministro para uma aclaração no dia 12 de Março de 1863.

Neste debate FLG afirmava "*Os governos são responsáveis não só por aquilo que fazem, mas também por aquilo que deixam de fazer, não somente por acções mas também por omissões. A comunidade é como uma caravana. O governo que a conduz é responsável pela sua condução segura e através de um percurso livre de todos os perigos. Isto não é mera retórica. É o verdadeiro significado governo*".

E insistiu na pergunta "*Gostaria de se inteirar sobre as instruções que o governo deu ao Arcebispo de Goa, antes da sua partida para Roma?*

É verdade que o Sr. Ministro da Marinha afirmou que ele já esclarecera o assunto na conferência, mas com toda a franqueza reitero que não recordo qualquer esclarecimento. Lamento não só pela minha memória, mas também pela dos meus colegas.

Perante a gravidade do problema, é notável o silêncio do governo!

Todos me pedem para ser prudente. Tenho sido muito prudente!

O meu objectivo não é a agressão, mas a defesa dos interesses do Padroado".

No seguimento da sua intervenção, apresentou a seguinte proposta formal "*Na defesa do Padroado do Oriente, das prerrogativas da Coroa e dos privilégios da Igreja Lusitana, convido formalmente o Governo, através dos Ministérios da Marinha e das Colónias, para esclarecer a conduta do Arcebispo de Goa em relação aos quatro padres censurados pela Probe Nostis e para esclarecer as directrizes que poderão ter sido eventualmente emanadas ao Arcebispo de Goa sobre esta questão tão importante antes da sua partida para Roma*".[2]

A propósito do seu trabalho nas Cortes, Luciano Cordeiro, escritor, historiador, político e geógrafo, fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa referia assim a FLG: "O *Deputado Francisco Luís Gomes soube afastar-se das mediocridades mudas, e das mediocridades verbosas e conquistar breve e brilhantemente, um nome*

entre os nomes verdadeiramente ilustres pelos seu talento e estudos no parlamento, onde todos sem distinção partidária, lhe estendiam cordialmente a mão. Revelou-se orador fluente, consciencioso, elevado, tratando questões à altura dos princípios e procurando emancipar-se da política dos nomes…"

Agricultura e as suas implicações na economia

Profundo conhecedor dos problemas da agricultura rural da Índia (Goa) e das suas implicações na economia, escreveu e publicou em 1862 um opúsculo "A *Liberdade da Terra e a Economia Rural Da Índia Portuguesa",* impresso na Tipografia Universal.

Dedicou esta publicação ao Sr. José da Silva Mendes Leal, à data Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar. Na extensa dedicatória não se coibiu de fazer uma resenha sobre a corrupção que grassava no território.

Nas suas palavras "*Na segunda metade do século XVI tinham morrido todos os capitães e navegadores formados na guerreira e austera escola de D. João II. Não houve quem os substituísse. Os que se lhes seguiram, contaminados da lepra da corrupção que invadira o reino e lhes gangrenava todas as forças começaram a comerciar na Índia por sua conta, e o comercio nas suas mãos escudado com a força moral e material de que dispunham, foi um verdadeiro monopólio, ou antes uma opressão armada em nome da lei."*

Para além da diatribe à corrupção, chamou a atenção do Ministro para o problema do centralismo quando escreveu: "*A tendência da legislação ultramarina, desde 1834, tem sido a centralização. Tornaram-na necessária os abusos dos governadores gerais. V. Exa· há-de saber que os negócios, os mais triviais, que as questões, as mais insignificantes, do ultramar, têm hoje de vir à Metrópole, passar pelo Secretário da Marinha e pelo conselho ultramarino. Comprimem-se assim a acção, o movimento e a vida das províncias; sacrifica-se a sua individualidade…*"

A seguir à dedicatória e na introdução da brochura, faz uma descrição da propriedade da terra, da sua transmissão e do sistema fiduciário.

Achei muito pertinente o seu raciocínio quando escreve: "*A extensão da propriedade territorial deve ir tanto mais diminuindo quanto mais fértil for o solo, intensiva a cultura, caros os produtos que se cultivam e em voga o trabalho doméstico*".

Nos vários capítulos que compõe a brochura, faz uma análise detalhada sobre os vários temas.

Assim, no capítulo 1, faz uma descrição sobre o solo, o clima e as culturas, com particular enfase para a cultura do arroz, do coco e da areca, dos legumes e fruta e do gado e do trabalho agrícola.

No capítulo seguinte, trata do produto bruto referente à agricultura fundamentado em dados estatísticos e cálculos. À data, a população de Goa era de 347000 habitantes o que dava uma densidade de 1 habitante por hectare e o produto bruto era de 26 francos/*per capita*. Em termos comparativos, o do país mais pobre da Europa − a Irlanda − era de 100 francos /*per capita*.

O capítulo 3 é dedicado à constituição da propriedade e ao arrendamento.

Na altura, as comunidades, 426 no total (281 nas Novas Conquistas e 145 nas Velhas Conquistas) eram detentoras de uma parte significativa de terras, seguida das Santa Casa de Misericórdia, do Convento de Santa Mónica e Fábricas da Igreja.

No total de 90000 hectares cultivados, 40000 eram terras de particulares e livres. Os restantes 50000 pertenciam a corporações de mão morta, comunidades, vínculos etc.

O capítulo 4 aborda um tema ainda hoje de grande actualidade: Interesse do Capital.

Na opinião de FLG, em Goa, o objectivo de qualquer individuo que tinha acumulado algum capital é a compra de um terreno. Para tanto, pede um empréstimo pagando os juros. E, neste capítulo FLG tece várias considerações sobre a justeza ou não dos juros, mais propriamente da sua taxa, para tanto socorrendo-se da posição das religiões.

E a propósito escreve "*A resolução que é mais seguida em Goa, nesta questão, é a de Bento XIV que diz: todo o lucro tirado do empréstimo, sem ser a título de lucro cessante, ou dano emergente, é usura, e proibido como tal pelo direito natural e eclesiástico. Observemos que a legitimidade dos juros assenta sobre dois princípios incontestáveis: o poder produtivo do capital, e o sacrifício que se faz em privando-se dele*".

Depois de várias considerações, na nossa opinião, muito pertinentes, conclui este capítulo afirmando que é muito urgente na Índia Portuguesa. "*1. Facilitar a aquisição das terras 2. Promover a sua desamortização 3. Organizar o Crédito Predial e 4. Reformar o sistema tributário.*"

Como consequência do exposto apresenta três projectos.

Francisco Luís Gomes tinha uma fé imensa na Liberdade e no Individualismo. Era uma crença do seu tempo e para alguns, na actualidade, quiçá impregnada de falacias económicas e filosóficas.

Independente de se concordar ou não, há que reconhecer o denodo com que se bateu pelos seus ideais.

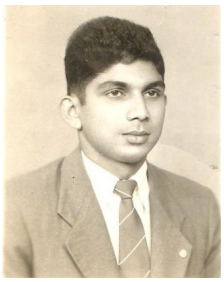
Não está no âmbito deste artigo esmiuçar as virtudes ou defeitos das suas teses, até porque para tal nos falta o engenho e arte.

Aconselhamos, no entanto, vivamente a sua leitura, quanto mais não seja para a investigação de uma temática tão aliciante como a propriedade das terras em Goa, desde as gãocarias, a sua evolução através dos tempos, até ao presente.

---

[1] Dicionário Corográfico: http://concelhodecamaradelobos.com/dicionario/afonseca luís vicente.html (acedido em 16 Jul. 2016).
[2] Correia Luís de Assis. Francisco Luís Gomes 1829-1869. A Select reader. Goa 1556. Published in 2011.
[3] Padroado português. https://.wikipedia.org>wiki>padroado (acedido em 20 Dez. 2019)
[4] Congregação para a evangelização dos povos. https://wikipedia.org>wiki>Congregação para a evangelização dos povos.
[5] Gomes FL. A Liberdade da Terra e a Economia Rural da Índia Portuguesa. Tipografia Universal. Lisboa 1862.

Francisco Luís Gomes



por **Mário Viegas**

Funcionário público aposentado.

Foi redator da revista Elo (Lourenço Marques), jornal Voz da Zambézia (Quelimane) e cofundador, editor e diretor da revista Ecos do Oriente (Lisboa)

Resumo

Um dos maiores vultos da História de Goa - Francisco Luís Gomes - médico, professor, poliglota, escritor, político, nasceu na aldeia de Navelim, Goa, em 1829. Logo, muito novo, atuou na sua terra natal com mérito e viveu na Europa, onde, com a sua pena e palavra, pela sua inteligência, competência, conhecimento de causa e humanismo, conquistou as elites e foi considerado o "Príncipe Intelectual da Europa".

Grande orador parlamentar. Doutor honoris causa pela Universidade de Lovaina, escritor em duas línguas – português e francês – mereceu a honra de ser recebido por Napoleão III, em França.

Senhor de uma curta, mas brilhante carreira, faleceu a 30 de setembro de 1869.

Abstract

One of the great figures of the Goan History – Francisco Luís Gomes – doctor, professor, polyglot, writer, politician, was born in the village of Navelim, Goa, in 1829. Still young, acted in his native land with credit and lived in Europe, where, with his pen and speech, with his intelligence, expertise, subject of knowledge and humanism, conquered the elites and was considered the "Intellectual Prince of Europe".

A great parliament speaker. Doctor Honoris Causa by the Leuven University, bilingual writer – Portuguese and French – deserved the honor to be received by Napoleon III, in France.

With a short but brilliant carrier behind him, died on September 30th, 1869.

Francisco Luís Gomes nasceu há 190 anos, no dia 31 de maio de 1829, na aldeia de Navelim, no bairro de Collmorod, a dois quilómetros de Margão, capital de Salcete, Goa, e foi batizado na igreja de Nossa Senhora do Rosário (1590) da mesma aldeia.

Médico formado com a classificação máxima na Escola Médico-Cirúrgica de Goa, em Pangim, aos 21 anos (11/07/1850) Francisco Luís Gomes foi mais que uma promessa ao demonstrar coerentemente todo o brilhantismo, com uma carreira curta mas sem sobressaltos. Aliando trabalho ao mérito académico, conseguiu, imediatamente convencer os responsáveis da Escola Médico-Cirúrgica de Goa ao ser nomeado professor, trabalhando na sua terra natal até aos 31 anos. Participou como cirurgião-mor, em comissão de serviço, nas campanhas do Exército, em 1860, ano em que foi agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo.

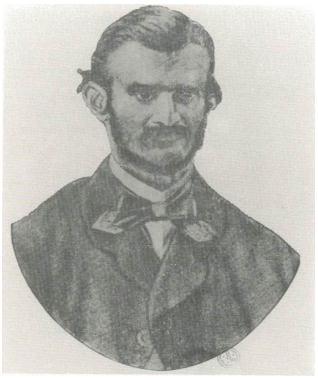


Figura 1. Francisco Luís Gomes

A precoce maturidade e homogeneidade das ações de Francisco Luís Gomes foram a constante necessária para uma produção literária fecunda no curto espaço de tempo que foi a sua vida. Dotado e dedicado, estuda a História, os costumes, as culturas dos que o rodeiam, fala corretamente as línguas concani, português e francês e compreende razoavelmente o inglês, italiano, espanhol, latim e marata. Oracularmente parecia adivinhar que a sua vida seria uma luta contra o tempo. Cada momento, precioso, não poderia ser desperdiçado com trivialidades, pois parecia ter intuído que nascera para mudar o mundo, no mínimo o que o rodeava.

Com a paixão pela escrita Francisco Luís Gomes vê na imprensa, o veículo ideal para intervir e transformar a sociedade. Prolífico redator, os primeiros passos deu-os na sua terra natal, em Goa, escrevendo também na imprensa de Bombaim. Passeou a sua eloquência por essa Europa fora, Portugal, Bélgica (Bruxelas) e França (Paris) foram os palcos da sua pena viperina, onde o sentido crítico e os ideais liberais expressos mostram um Francisco Luís Gomes sensível aos excessos colonialistas e àquilo que considerava serem políticas discriminatórias num território que se pretendia coeso e progressista.

Figura 2. Memorial a Francisco Luís Gomes defronte da Câmara Municipal de Margão, erguido após derrube do seu busto por acidente de veículo (Venceslau Furtado).

Conhecedor das literaturas portuguesa e francesa, escreveu muitas obras naquelas línguas, uma das quais – Os Brâmanes (1866) – representa o primeiro romance goês em língua lusa na costa do Malabar.

Em 1861, envereda na política, e entra nas Cortes portuguesas eleito pelo círculo de Salcete, nas listas do Partido Regenerador[1], representando Goa.

Grande orador e parlamentar foi acérrimo defensor dos injustiçados propondo medidas que revertessem situações desumanas, através da proposta considerável de projetos-lei que, na maioria dos casos conseguiria ver aprovados. Este processo de cidadania atuante foi uma constante na sua vida e parte integrante de uma práxis em defesa da sua terra e dos ideais liberais. A sua inteligência refletia-se na sua capacidade argumentativa, conquistando os mais céticos e desarmando os que se lhe opunham. As suas intervenções mostravam um repentismo de pensamento e uma maturidade concetual que, rapidamente conquistaram a nova plateia. O seu profundo conhecimento sobre economia e interesse por outras temáticas concedeu-lhe a capacidade para percecionar de uma forma orgânica a sociedade, intuindo com grande sensibilidade questões marcantes da sua época. Publica uma série de trabalhos socioeconómicos, deslumbrando a elite europeia contemporânea, que o classificou de "Príncipe Intelectual da Europa", o que o elevaria ao estrelato. "Essay sur l'economie politique dans ses rapport avec le droit et la morale", consagra-lhe o título de doutor honoris causa atribuído pela Universidade de Lovaina na Bélgica.

Cosmopolita fez das ideias a sua arma. Procurou elevá-las, partilhando-as, colocando-as à prova com os grandes pensadores de todos os quadrantes. Uns, com ele conviveram, outros referiram-se-lhe elogiosamente. Luciano Cordeiro, Pinheiro Chagas, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Fidelino de Figueiredo, António Feliciano Castilho, Júlio Dinis são a plêiade que constituía o universo por onde se movia. O poeta, escritor, jornalista

e advogado Tomás Ribeiro, Secretário-geral do governo da Índia Portuguesa (1870) e fundador do Instituto Vasco da Gama (1871), atual Instituto Menezes Bragança. No seu livro "Entre Palmeiras", dedicou à memória de Francisco Luís Gomes seis oitavas, e, visitando a sua casa de Navelim, descreveu-a com algumas notáveis palavras. José Feliciano de Castilho, siderado com o seu romance "os Brahamanes" não resistiu na imprensa da época a elogiar Francisco Luís Gomes desta forma: "Elegância de estilo, vernaculidade de frase, originalidade de pensamento, facilidade de forma e um dizer sempre simpático e fluente são qualidades que distinguem esta mimosa produção". Pinheiro Chagas não ficou atrás e, em relação ao mesmo romance afirmou "[…] o estilo fluente, a palavra imaginosa, mostram que o autor soube conservar a virgindade da sua fantasia no meio das lutas parlamentares e da avidez das lucubrações económicas".

No estrangeiro, entre outros amigos ou correspondentes, destacam-se William Ewart Gladstone, John Stuart Mill, Vítor Hugo e Alphonse Lamartine.

Frenético e universalista, Francisco Luís Gomes visitou a França em 1867 por ocasião da Exposição Universal realizada em Paris. Estabeleceu contacto com vários economistas e filósofos franceses, que o homenagearam publicamente pelas suas contribuições para o estudo da economia política. O reconhecimento institucionaliza-se, e Napoleão III monarca francês recebe-o numa audiência especial, elogiando-o pelo seu trabalho.

Pluralista nos seus prazeres intelectuais, ávido de conhecimento, perseguindo virtudes e valores universais, Francisco Luís Gomes conquistou o respeito dos seus pares conduzindo prestigiadas instituições ligadas à economia e à medicina - de Lisboa, de Paris, de Cádis e de Bombaim, a acolherem-no como membro.

O ilustre goês sentiu o clamor da sua terra natal e intuiu provavelmente o seu fim. A força das origens e o insubstituível aconchego do lar não foram energia suficientes para o levarem a bom porto. Os sonhos suspenderam-se e o infortúnio bateu-lhe à porta retirando-lhe o privilégio de repousar à sombra de um palmar morrendo cerca das 17 horas do dia 30 de setembro de 1869 entre Gibraltar e Malta, depois de pedir um caldo ao empregado de bordo, sendo o seu corpo lançado no Mediterrâneo, há 150 anos, fim também da sua epopeia a representar a Índia no Parlamento português. Tinha 40 anos.

Figura 3. A velha casa do médico, escritor e parlamentar goês. Lamenta-se até hoje não ter sido recuperada como monumento de Goa (Venceslau Furtado).

Homenagens

Francisco Luís Gomes, depois da sua morte foi homenageado em Goa e Lisboa.

Monumentos, bustos, memoriais, ruas são consagrados em sua memória. Em Goa, é inaugurado em 23 de dezembro de 1931, num jardim na área de Campal, Pangim, na vizinhança da Kala Academy, uma estátua de bronze em tamanho natural, celebrando-se assim o centenário do seu nascimento (1829); e, em Moçambique, um grupo de carolas indo-portugueses funda, em 1932, na vila de S. Martinho de Quelimane, o Grémio Francisco Luís Gomes.

Depois dum longo intervalo, é relembrado e as homenagens sucedem-se. O seu nome é atribuído em 1970 a uma avenida de Lisboa, no bairro de Olivais, enquanto em Goa, defronte da Câmara Municipal de Margão implanta-se primeiro um busto substituído depois por um Memorial. No largo defronte da Igreja de Nª Srª do Rosário um busto é inaugurado em 30/09/1969 no centenário da sua morte. Atribui-se o seu nome a uma rua da cidade de Vasco da Gama, Goa, e inaugura-se uma biblioteca em Navelim.

Nota

[1] O Partido Regenerador foi um dos partidos da monarquia constitucional portuguesa.

OS BRAHAMANES

Obra de referência de Francisco Luís Gomes

por **Valentino Viegas**

Sócio Fundador da Casa de Goa

Editor Associado da Revista da Casa de Goa

Resumo

Em Os Brahamanes, obra de referência de Francisco Luís Gomes, Valentino Viegas procura perscrutar as motivações que teriam levado o autor a escrever este romance, infere a mensagem subjacente e a sua filosofia de vida.

Reflectindo sobre as razões que o guiariam a retratar a sociedade anglo-indiana em vez da indo-portuguesa, acha que a resposta deve ser procurada não na leitura directa do texto, mas nas entrelinhas.

Sendo a escravidão um dos temas mais debatidos, ao tempo na Europa, revela como a obra deixa transparecer, de forma inequívoca, a posição do autor sobre aquela prática vergonhosa e sobre o racismo.

Embora abrace as grandes causas goesas, nacionais e internacionais, mostra como aquele insigne médico, economista, político e escritor goês não fica indiferente à problemática das castas existentes na Índia.

Depois de destacar o papel do herói e do anti-herói do romance, menciona, do seu ponto de vista, o verdadeiro herói.

Abstract

In Francisco Luís Gomes masterpiece, "Os Brahamanes", Valentino Viegas seeks to scrutinize the motivations that drives the author to write this romance, infers the underlying message and his philosophy of life.

In his opinion, reflecting about the reasons that motivates the author to portray Anglo-Indian, instead of Indo-Portuguese, society, the answer should be searched not in the direct reading of the text but by reading between the lines.

At that time, the slavery was a much-debated theme in Europe and in his book, the author reveals, unequivocally, his position about that shameful practice and on racism.

Despite embracing great goan, national and international causes, it shows how that distinguished doctor, economist, politician and writer does not stays indifferent to the caste problems existing in India

After highlighting the role of hero and anti-hero of the romance he mentions the real hero.

É sabido que quando se deseja analisar um trabalho de forma imparcial e científica não se pode deixar de o integrar no contexto em que foi feito.

Por isso, além de várias investigações prévias, qualquer pesquisa requer, pelo menos, um estudo do meio e da época em que foi produzida.

No caso vertente da obra do goês Francisco Luís Gomes, como homem político, torna-se imprescindível perscrutar as motivações que o levaram a escrever este romance porque, através deste meio podia querer exteriorizar, pela boca dos seus personagens, aquilo que talvez lhe era vedado dizer abertamente em público.

Advertimos, porém, que vamos proceder à leitura deste romance sem seguirmos os quesitos enunciados, pela indisponibilidade de tempo, de levar a cabo uma cuidadosa investigação a seu respeito.

Quem lê este romance verifica, pela liberdade com que o autor transmite os seus pensamentos, que ele não se viu forçado a sujeitar-se a um grande crivo de censura, quer fosse de natureza íntima quer de natureza político-social.

Na realidade, não se sente muita dificuldade em descortinar o fio condutor que norteia o enredo do romance, da mensagem e da filosofia de vida implícitas.

Todavia, nem por isso estes aspectos são totalmente nítidos em todos os momentos do livro. Gostaríamos que eles fossem ainda mais claros para assim melhor podermos captar fielmente algumas das suas ideias chave.

Apesar desta aparente liberdade de acção do autor, poder-se-á perguntar por que razão preferiu retratar a sociedade anglo-indiana em vez da indo-portuguesa. Pensamos que a resposta deve ser procurada não na leitura directa do texto, mas nas entrelinhas, dado que as suas opções políticas e sociais são relativamente nítidas.

Estamos em crer que para ele era muito mais fácil pugnar pela independência da Índia, submetida ao poder dos ingleses, do que de Goa dominada pelos portugueses, sem grandes incómodos políticos que daí necessariamente poderiam advir. Por isso, a leitura deste aspecto particular do texto tem de ser feita sobretudo por extrapolação.

Nota-se neste romance que Francisco Luís Gomes nutre uma certa simpatia pela revolta dos cipaios de 1857, mas não a apoia de uma forma explícita porque tem consciência nítida de que qualquer revolta local contra os ingleses estava fadada ao insucesso.

Defende abertamente a libertação da Índia e aponta como único caminho possível para a sua concretização uma revolução popular global contra o dominador inglês.

Pensamos que estes seus ensinamentos de forma alguma caíram no imenso mar de esquecimento, porque das várias fontes em que Gandhi bebeu os seus conhecimentos este fio de água pode muito bem ter sido um deles.

Denuncia de forma inequívoca os sofrimentos dos povos africanos, subjugados e explorados principalmente pelos europeus: «Dizem que a lei de Christo rege a civilisação europeia. Mentira. Illumina-lhe a superfície e não lhe penetra as entranhas. A Europa pesa sobre a Ásia e a América, e todos pesam sobre a África. Não há barões nas nações, mas há nações barões. Eis ahi a differença entre a idade media e o século XIX.» (p. 203).

Compara a África com a Índia, afirmando que «as raças pretas da África são os párias dos brahamanes da Europa e da América.»

Lamenta com veemência que a liberdade não tenha chegado a todos os povos do universo, ataca o racismo baseado na cor da pele que impera principalmente no continente africano, protesta contra a forma de vivência aí reinante que, para uns terem tudo, se deixa para os outros apenas o sopro pesado da vida: «As raças africanas trabalham de dia e de noite, ao sol e à chuva. Choram lagrimas pelos olhos e suor pelo corpo. As suas fadigas são os doces ócios de seus senhores; o suor, que lhes escorre nos braços, espremido pelo bárbaro açoite é a myrrha que perfuma os aposentos de seus proprietários; a sua nudez são as finíssimas hollandas que vestem seus amos; o seu contínuo padecer é o contínuo gozar dos seus donos; as trevas da sua razão são o suave choloroformio, que as torna insensíveis à mutilação da sua personalidade.» (p. 204).

Escreve que Portugal não podia nem devia consentir que continuasse a vigorar a escravidão nas suas províncias africanas.

Foram certamente vozes de vigoroso protesto como a sua que apressaram a legislação portuguesa que viria a abolir definitivamente a escravatura nos territórios portugueses em 1876.

Francisco Luís Gomes, nesta sua obra Os Brahamanes, escrita em 1866, oferece-nos um vasto e fecundo campo de reflexão e análise. Todavia, neste breve estudo, vamos apenas tentar descortinar dois pólos opostos que nos parecem estar subjacentes a este interessante romance: o seu anti-herói e o verdadeiro herói.

O anti-herói

Quando o autor faz a evocação dos brâmanes parece ter a intenção de cantar bem alto os feitos heróicos para que foi criada esta casta: «Os brahamanes são uma dynastia e uma casta. Brhama é o sol, e os brahamanes os seus raios. Os brahamanes saíram da bocca de deus, como o mais puro dos seus verbos» (p. 24).

Todavia, para Francisco Luís Gomes, dos brâmanes dos vedas aos brâmanes que analisa vai uma diferença abissal.

Em lugar da sociedade que permanecia agarrada à concepção segundo a qual a pureza dos brâmanes, insuflada por sopro divino, tinha que manter-se imaculada porque, uma vez manchada, sujeitava-se a cair das alturas ao mais profundo dos abismos, ele contrapõe um brâmane menos puro e mais humano: «Eis ahi o brahamane, qual o pintam as superstições, o orgulho e o fanatismo, e não os vedas; que o brahamane d'estes é menos puro e mais humano.» (p. 26).

No seu romance, aquele brâmane, orgulhoso e fanático, é consubstanciado na figura de Magnod que, para ser agraciado com honras e distinções, era capaz de dissimular todos os ressentimentos, disfarçar todas as iras, adiar todas as vinganças.

Contudo, por desobedecer às ordens do seu amo, o corpo deste brâmane, que considerava ser sagrado, não só foi arrastado pelos intocáveis hamales como se viu sujeito a receber em pleno rosto, lançado pelo nobre inglês Roberto, o vexame do sangue da vaca do prato de roast-beef.

Perante tão inopinada e vergonhosa afronta, desenrolada em presença de várias pessoas, convence-se, sem a mínima sombra de dúvida, de que estava fatalmente perdido para sempre.

Cego de ira, é incapaz de raciocinar fora dos limites em que as suas crenças o traziam irremediavelmente preso. Na vingança, encontra o único caminho para amenizar a sua dor e revolta.

A ela tudo sacrifica. Em primeiro lugar, a família. Abandona a desconsolada mulher, Bima, que, ciente de que seria proscrita pelos seus pares, se enforca diante dos tenros e inocentes filhos.

Em segundo lugar, a paz íntima da sua própria vida. Impede ao seu senhor o futuro tranquilo que lhe estava assegurado, roubando-lhe as jóias e os documentos notariais da prova da herança que viria a herdar.

Foge de Fizabad e vagueia errante pela selva, alimentando-se do ódio que o consumia. Filia-se nas insaciáveis fileiras dos thogs que, na sua lógica sanguinária, racionalmente tudo invertiam. «Chamavam ao mal bem, ao crime virtude, ao criminoso santo, ao inferno ceo, ao demonio Deus.» (p. 49).

Esta doutrina, nascida na Índia, em 1818, recebia no seu seio toda a sorte de pessoas, independentemente das castas a que pertenciam.

Os thogs, guiados pelo prazer de matar, viviam da morte e para a morte. Eram vermes criados pela civilização bramânica: «A civilisação brahamanica tem a sua pustula. Criam-se n'ella vermes com que o contacto da luz se tornam serpentes horrendas. Da desorganisação do bracmanismo (sic) organisa-se um monstro que mata sem

ser por interesse, que mata por matar, que mata com os olhos abertos, com o coração puro, com o nome de deus na bocca. Bovami é a deusa da morte; thog o seu sacerdote.» (p. 48).

Magnod não se importa de se sujeitar entre os thogs a duras provações e aos mais difíceis sacrifícios, porque nada lhe parecia demasiadamente excessivo perante o seu firme e inabalável propósito de satisfazer a cruel sede que o devorava.

Disfarçado, este lobo brâmane, veste-se da pele de cordeiro e faz a sua reaparição em Fizabad na pessoa do comerciante Sobal.

Rapidamente ganha fama de homem bom e alcança invejável prestígio entre os concidadãos e dominadores ingleses.

Prepara cuidadosamente a queda do seu inimigo Roberto. Compra as dívidas de jogo que ele tinha contraído em Inglaterra, comprometendo-o irremediavelmente. Chega até ao ponto de salvá-lo de um acidente mortal para melhor poder saborear a agonia do sofrimento que ardilosamente lhe reservava.

Intriga o próprio filho Tomás contra o pai adoptivo, Roberto, que frei Francisco cristianizara e educara em Inglaterra com grande ajuda do mesmo Roberto (em segredo e com desconhecimento dos habitantes de Fizabad), depois do fatal suicídio de Bima.

Assassina Ricardo, que desonrara quando engravida sua filha Emília, igualmente educada em Inglaterra em idênticas circunstâncias das do irmão Tomás. Porém, este anti-herói brâmane não tem o coração totalmente insensível e sanguinário. Recua quando circunstâncias extremas o obrigam a adiar a sua vingança.

Guiado pelo amor paterno que não exteriorizava, apresenta-se perante o juiz como assassino do Ricardo, salvando assim Tomás, dado todas as suspeitas recaírem inexoravelmente sobre a cabeça deste infeliz.

Na prisão, saboreia placidamente o momento da vingança que sabia estar próxima.

Efectivamente, é ele que encabeça a revolta dos cipaios em Fizabad. Põe em fuga as autoridades locais e posta-se diante do abatido Roberto para o final ajuste de contas.

Chegados a este ponto crucial do enredo parece não existir qualquer saída possível a este brâmane e à casta que representa. Porém, Francisco Luís Gomes vai encontrar um desfecho que simbolicamente aponta para uma via de salvação que mais adiante referiremos.

O herói

Em oposição a este anti-herói surge a figura serena do algarvio frei Francisco. É ele que, confrontado com os trágicos resultados daquela disputa desenrolada em Fizabad, entre os membros de uma sociedade profundamente dividida, toma o partido dos mais carenciados e desprotegidos.

É ele que decide educar os desafortunados filhos de Mognod e Bima, no que se vê apoiado, de imediato, e em segredo por Roberto, aparente causador de todas estas desgraças.

A uma sociedade baseada em dominadores e dominados, em castas e orgulho de raças, ele indica o caminho da verdade cristã como a única via de reconciliação e salvação humana.

É ele que cristianiza aqueles autênticos órfãos e contribui com a sua ajuda financeira para os seus estudos, nas longínquas paragens da Inglaterra.

É, pois, no seio do núcleo escolhido de uma sociedade bastante diferente da da Índia, onde vigoravam

padrões de vida verdadeira cristã, que vão ser educados os filhos de Magnod e Roberto na sua infância. Aí desenvolveram e cresceram como autênticos irmãos, longe de imaginarem o drama que separava os seus pais e a que eles estavam indelevelmente ligados.

É na componente humana do herói que o autor estabelece a ponte entre estas duas sociedades distantes e diferenciadas.

Guiado pelo altruísmo cristão, frei Francisco chega ao ponto de mandar vender os seus queridos quadros, companheiros inseparáveis da sua solidão, para unicamente conseguir juntar mais três libras, tão necessárias àqueles jovens que lutavam com tremendas dificuldades económicas para pagar os seus estudos.

Realmente, aos olhos dos abnegados, todos os sacrifícios parecem parcos quando realizados em prol de uma causa nobre.

É, pois, a religião do herói que não vê qualquer impedimento no inocente amor que nascera à primeira vista, e mais tarde despontara e crescera em força, entre a nobre Helena, filha de Roberto, e o pobre e humilde órfão Tomás, filho de Magnod.

Se o bramanismo impedia este enlace e o racismo inglês lhe punha sérios entraves, o cristianismo em contrapartida abria as portas à fusão destes dois mundos.

Por isso, todos os obstáculos, de ordem material ou mental, irão ser superados, com maior ou menor dificuldade, porque o primeiro e o principal objectivo fora alcançado: a cristianização de Tomás.

Foi necessário que Tomás se cristianizasse e se instruísse para que esta possibilidade se concretizasse, e para que a partir deste amor pudesse vir a surgir uma sociedade nova, despreconceituosa e aberta a todos os seres.

Convictamente guiado por ideais cristãos, Francisco Luís Gomes indica os dois meios mais poderosos da civilização: «a religião christã e a instrução.» (p. 274).

Efectivamente, para o autor de Os Brahamanes, a salvação da humanidade está no cristianismo e frei Francisco é o exemplo mais acabado de verdadeiro cristão.

Naquele momento crucial que descrevemos, quando Sobal, senhor da revolta, retira o disfarce e põe a nu a sua verdadeira identidade perante o boquiaberto Roberto, este, desamparado e resignado, pede-lhe apenas a morte.

Mas não era a morte fácil que Sobal lhe reservara. A sua vontade era queimá-lo vivo e deleitar-se com o triunfo da vitória do seu ódio.

A este pedido respondia, desatando a rir medonhamente: «Quando a chamma trepar pelo vosso corpo, quando um rolo de fumo vos ennegrecer a cara, quando as dôres vos arrancarem gemidos profundos, então…» (p. 281).

Como se de um final de peça trágica se tratasse, no preciso momento em que se atinge o clímax, para impedir a consumação dos terríveis desígnios do anti-herói brâmane Mognod, thog, ou Sobal, o autor faz actuar o herói frei Francisco.

Este interpõe-se entre os dois inimigos e, para além de apresentar outros argumentos, lembra a Sobal que a «melhor vingança é o perdão. Tudo o mais é ilusão, loucura, nada.» (p. 282).

É num misto de inspiração e acção divina que as palavras pronunciadas pela boca de frei Francisco conseguem desfazer o ódio acumulado durante doze longos anos em Magnod, sendo a influência sobrenatural que o levou a devolver o testamento de Davis e a entregar as contas das jóias que roubara e vendera.

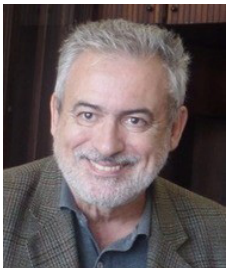
A intervenção abençoada de frei Francisco dá-lhe o impulso necessário à libertação do juramento e permite-

lhe, posteriormente, alcançar a salvação com o baptismo a que voluntariamente se entrega.

A nosso ver, para Francisco Luís Gomes, na sua obra Os Brahamanes, se o anti-herói é Mognod e o herói frei Francisco, o verdadeiro herói universal é Cristo e a doutrina que pregou.

[1] Goa, Órgão de Divulgação Cultural da Casa de Goa, Janeiro de 1993, n.o 7, pp. 18-20; Valentino Viegas, Raízes da Minha Terra, Obnósis Editora, Lisboa, 2019, pp. 37-45, onde não consta o subtítulo.
[2] Francisco Luís Gomes, Os Brahamanes, 2.ª ed., Livraria Académica, Nova-Goa, 1928.
Nas citações, indicaremos apenas o n.º das páginas do romance entre parênteses curvo.

NA MORTE DE PERCIVAL DE NORONHA



Vitor Serrão

Historiador de arte

Universidade de Lisboa

O nome de Percival Noronha (1921-2019) é referência perene para quem se interessa pelo estudo e salvaguarda do património histórico-artístico goês e justifica, por si, o estatuto de Personagem Homenageada. Tive o privilégio de o conhecer em Pangim e em Velha Goa, em 2008, em convívio com Paulo Varela Gomes, Sérgio Mascarenhas, Maria Adelina Amorim e Luís Filipe Thomaz, entre outros nomes integrantes dos círculos de estudiosos da cultura e arte luso-indiana: era um erudito, um oráculo incontornável de saberes e, ademais, uma pessoa cativante!

Chega-nos agora a notícia do seu falecimento, aos 97 anos: foi um dos maiores estudiosos da história goesa, com um vasto trabalho publicado (em português e inglês), difundindo as valências do património indo-português, aprofundando saberes em domínios como a arqueologia, a arquitectura e a arte cristã, o mobiliário, o trabalho dos artesãos de Goa e de Pangim, etc. Funcionário do Estado da Índia portuguesa desde 1951 até 1961 (ao serviço da Direcção de Obras Públicas e da Repartição Central de Estatística e Informação), foi subsecretário das Indústrias, Trabalho, Saúde e Turismo, director das Indústrias e do Turismo e das Obras Públicas, tendo sido chefe do protocolo do General Manuel António Vassalo e Silva, o último governador do Estado Português da Índia (1958-1961). Colaborou com a Fundação Oriente, foi fundador da Goa Chapter da Indian Heritage Society e da Association of Friends of Astronomy de Goa, e foi galardoado em 2014 com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique. A sua colecção de slides de arte indo-portuguesa foi integrada (2017) no Arquivo Histórico Ultramarino (pode ser consultada em https://digitarq.ahu.arquivos.pt/details?id=1120215).

O contributo de Percival para revalorização da identidade cultural e patrimonial goesa foi imenso: recordo apenas o seu estudo (escrito com Paulo Varela Gomes) «Chapel of Nossa Senhora do Monte: breathtaking views of beauty», que integra o livro de Heta Pangit (coord.), In and Around Old Goa, Marq. Publications, Pangim, 2005, pp. 58-65. Para caracterizar a construção sacra de Goa, que «respira por pulmão próprio», como dizia, Percival falava de um tipo de «arquitectura miscigenada» algures entre os modelos maneirista romano, o classicismo herreriano, o vernacularismo do 'estilo chão' e o gosto pelas formas, memórias e materiais locais, a qual «is not exactly Portuguese, Spanish, or Italian – it is Goan». Essa definição traz, em síntese, o reconhecimento de uma identidade construtiva que, seguindo a visão patrimonialista de Percival, importa saber preservar na sua integridade.

21 de Dezembro de 2019.

P.S. Nota de 20 de Agosto de 2019 na página pessoal do Facebook e dada a conhecer nesta Revista por amável sugestão de Jorge Rezende e Valentino Viegas.

Festa de Natal da Casa de Goa

No passado dia 21 de dezembro no auditório da Casa de Goa aconteceu a festa de Natal.
Com um laudo lanche partilhado que contou com a colaboração de todos os convivas, com decoração natalícia onde não faltaram as tradicionais estrelas de Goa, e com a maravilhosa animação musical da família Dias, o maestro Carlos e os filhos André, Artur e Isabel (Foto), prepararam um repertório natalício e projetaram as respetivas letras, o que permitiu aos demais poderem acompanhar e cantar as canções mais variadas alusivas a esta quadra.
Já ao fim da tarde recebemos a visita do Joaquim Bragança que ainda animou os convivas com a marrabenta.
Fizemos um brinde regado a champanhe e repleto de desejos de um Excelente Natal e um Próspero Ano Novo para todos!

Reveillon 2019-2020

Decorreu na Quinta dos Gafanhotos, em Carcavelos, a passagem do ano 2019-2020 organizada pela Casa de Goa. Participaram mais de duas centenas de convivas, entre sócios da Casa de Goa, simpatizantes e estreantes.

Foi uma noite animada, em ambiente muito elegante. Às 12 badaladas, todos fizeram o chin-chin e seguiu-se o brinde de Vasco Soares da Veiga e José Salvador Rodrigues, respetivamente Presidente e Vice-Presidente da Casa de Goa. A festa continuou pela madrugada dentro, com animação musical, champanhe, iguarias e pezinho de dança.

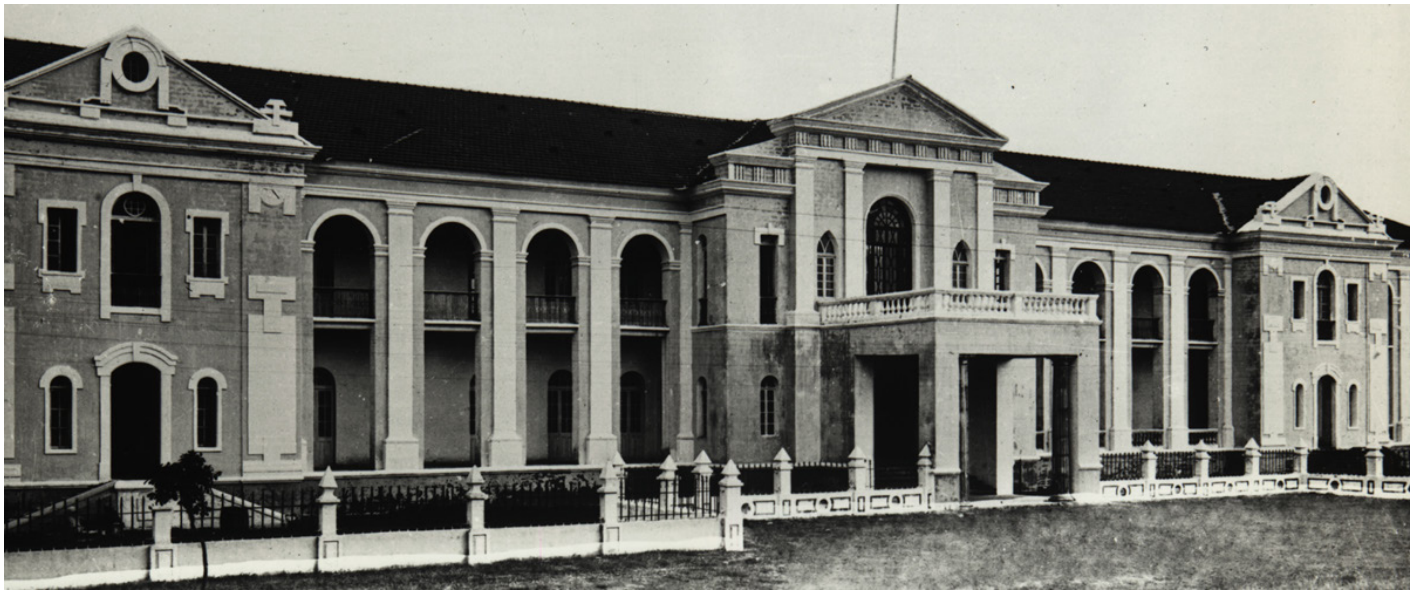
SURYÁ: Reviver Goa

Suryá, Grupo de Canto e Danças Tradicionais de Goa, lançou o seu segundo CD, intitulado Reviver Goa, gravado e produzido nos Estúdios Namouche, composto de treze títulos, entre eles, Amchém Noxib (instrumental), Goa, Goa (o hino a Goa), Fullambai (a dança dos trabalhadores do campo), o mandó Panch Orsam, a prece por chuva Poiló Páuss, o cântico religioso Disachea e o instrumental como tributo à orquestra de "Johnson and his jolly Boys".
Sendo a música uma das características mais marcantes da cultura identitária goesa, o Suryá tem pugnado pela preservação e divulgação da diversidade cultural daquela terra, quer promovendo espectáculos em numerosos locais de Portugal e alguns no estrangeiro, designadamente em Espanha, Goa e Alemanha, quer através de participação em programas televisivos na RTP1, SIC e TVI, quer ainda através da gravação do CD de música tradicional de Goa, intitulado "Saudade de Goa".

"Sem Flores nem Coroas"

A invasão da Índia Portuguesa pelas tropas da União Indiana, em 1961, é o pano de fundo de "Sem flores nem coroas", peça escrita por Orlando da Costa, em 1967 *.
Estreia-se no Teatro S. Luiz, em Lisboa, e vai estar em cena até 19 de janeiro.
A peça, nunca representada, centra-se numa família brâmane e católica de Goa, que se confronta com seus fantasmas e medos. É encenada dois anos depois de o livro ter sido traduzido para inglês e lançado na Índia, em janeiro de 2017, com a presença de António Costa, atual Primeiro-Ministro de Portugal e um dos filhos do autor.
Para Fernanda Lapa, pôr esta peça em palco era "um dever", pela "amizade" que nutria pelo autor e pela "importância" do tema.
Com a dramaturgia e encenação de Fernanda Lapa, "Sem flores nem coroas" tem a interpretação de João Grosso, Margarida Marinho, Carolina Amaral, Pedro Russo, Elsa Galvão e Rita Paixão.
A peça conta com o apoio da Direção Geral das Artes, Câmara de Lisboa, Fundação Oriente e Casa de Goa.

* https://www.rtp.pt/noticias/cultura/estreia-de-sem-flores-nem-coroas-peca-inedita-de-orlando-da-costa-no-s-luiz_n1196963

Escola Superior de Medicina de Goa

Integrada na Programação Comemorativa dos 400 anos do ciclo pictórico Vida e lenda de São Francisco Xavier, vai realizar-se dia 22 de janeiro de 2020 às 18:00, no Museu de S. Roque ao Largo Trindade Coelho, a conferência "A importância da Escola Superior de Medicina de Goa para a história da Medicina Portuguesa" proferida por Dr. José Filipe Monteiro. A entrada é livre.